

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA INSTITUTO DE HISTÓRIA**

LORRAYNE LIMA

**ESCREVENDO E REESCREVENDO A HISTÓRIA: NARRATIVAS DE SI E  
HERANÇAS DE RESISTÊNCIA AO GOLPE CIVIL-MILITAR NO BRASIL NAS  
OBRAS DE MARCELO RUBENS PAIVA (1982/2015)**

UBERLÂNDIA

2023

LORRAYNE LIMA

**ESCREVENDO E REESCREVENDO A HISTÓRIA: MEMÓRIAS  
AUTOBIOGRÁFICAS E RESISTÊNCIA AO GOLPE CIVIL-MILITAR NO BRASIL  
NAS OBRAS DE MARCELO RUBENS PAIVA (1982) E (2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História.

**Orientadora: Ana Flávia Cerni Ramos**

UBERLÂNDI

A 2023

LIMA, Lorryne. Escrevendo e reescrevendo a história: memórias autobiográficas e resistência ao golpe civil-militar no Brasil nas obras de Marcelo Rubens Paiva (1982) e (2015) – Uberlândia, 2023.

Orientação: Profª. Drª. Ana Flávia Cernic Ramos

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: Literatura; Ditadura Militar; Memória; Marcelo Rubens Paiva.

LORRAYNE LIMA

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos (Orientadora)

---

Profª. Dra. Daniela Magalhães da Silveira

---

Profª. Dra. Ana Paula Spini

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por ter me guiado, abençoado e dado forças durante todo o período da graduação e elaboração deste trabalho. Gostaria de agradecer imensamente à minha mãe, Shirley de Lima Silva. Sem ela, acredito que nada disso seria possível. Agradeço por todo o seu cuidado em me manter na escola desde pequena e por me mostrar que a educação é resistência e obrigada por me mostrar que a universidade também é um lugar que eu poderia ocupar, eu te amo, e esse trabalho é uma vitória sua também. Gostaria de agradecer ao meu padrasto Cristiano de Melo Pereira, por cuidar do meu filho em dias alternados com carinho sem a ajuda dele e da minha mãe como rede de apoio, nada disso seria possível.

Gostaria de agradecer ao meu filho pelos seus pequenos abraços carinhosos e sorrisos banguela que em meio ao caos me acalmou. Saulo Lima Fernandes, mesmo sendo apenas um bebê, de 1 ano e 3 meses, tudo isso é para você. Eu te amo, filho.

Gostaria de agradecer à minha orientadora Ana Flávia Cerni Ramos, que viu potencial de pesquisa quando comentei do livro do Marcelo, enquanto ainda cursava a matéria de História Moderna, por todas as orientações e direcionamentos feitos durante todo o processo, desde ao projeto de pesquisa até chegar aqui, obrigada!

Gostaria de agradecer a toda comunidade acadêmica e a coordenação do curso de história, aos professores, em especial ao professor Marcelo Lapuente, Newton Dângelo e Mara Regina do Nascimento por seu incentivo a continuar. Gostaria de agradecer aos meus amigos por toda força, em especial a Bruna Lima, Gisele de Jesus, Caroline Marcolino, e Isadora Bueno. Gostaria de agradecer ao meu avô Deusdete, você é a melhor pessoa que conheço, mesmo sem saber ler, ou escrever, me incentivou em todo período que estive com você em Guarapari-ES, gostaria de agradecer a minha avó Maria de Lourdes. Gostaria de agradecer a minha terapeuta Maria, por todo cuidado durante todos esses anos, incentivo, e força para que esse trabalho se tornasse possível, obrigada por ser essa pessoa tão humana.

Por último e não menos importante, agradeço ao escritor Marcelo Rubens Paiva por compartilhar sua história com a sociedade brasileira, mesmo em meio a tanta dor. Te admiro e sou grata por sua trajetória de luta.

Em memória de Eunice Paiva e Rubens Paiva.

## **RESUMO**

No presente trabalho, investigo como o escritor Marcelo Rubens Paiva recontou sua história em meio a dois momentos políticos importantes da sociedade brasileira: em 1982, ao escrever *Feliz Ano Velho* e em 2015 com a obra *Ainda Estou Aqui*. O objetivo do trabalho é analisar a maneira como o autor revisita suas memórias nos dois livros, abordando temas como política, repressão, ditadura militar, cidadania e democracia.

## **ABSTRACT**

In this paper, I investigate how the writer Marcelo Rubens Paiva retold his story in the midst of two important political moments in Brazilian society: in 1982, when he wrote *Feliz Ano Velho* and in 2015 with *Ainda Estou Aqui*. The aim of the work is to analyze how the author revisits his memories in the two books, addressing issues such as politics, repression, military dictatorship, citizenship and democracy.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>09</b>
<b>1. Capítulo I Sobre Feliz Ano Velho</b>	<b>11</b>
1.2 - Os caminhos das pesquisas sobre Feliz Ano Velho...	23
1.3- Elaborando e reelaborando memórias da ditadura em Feliz Ano Velho...	24
1.4 - A autobiografia e a ficção	33
<b>2. Capítulo II - Vivendo o passado: Reflexões sobre memória em Ainda estou aqui</b>	<b>42</b>
2.1 Entre aqueles que já estudaram a obra, ainda estou aqui	44
2.2 Explorando a Reconstrução da memória na Narrativa de Ainda estou aqui	48
2.3 - 40 anos de Feliz ano velho e os 60 anos da ditadura	62
<b>Conclusão</b>	<b>64</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>66</b>



## INTRODUÇÃO

Escrevo no ano em que aconteceram os ataques de 8 de janeiro de 2023, manifestações bolsonaristas de extrema direita que vandalizaram e aterrorizaram a democracia brasileira. Escrevo no ano em que as escavações de mortos e desaparecidos, torturados em 1964, foram retomadas em busca de vestígios de corpos no DOI-CODI. Minha escrita é direcionada pelo meu olhar na história contemporânea, como professora e historiadora em formação, parto da hipótese que permanece evidente uma contínua batalha pela construção e disputa das narrativas acerca da Ditadura Militar e memória do período<sup>1</sup>.

Os ataques de 8 de janeiro foram manifestações que atacaram a democracia e incutiram medo naqueles que haviam expressado seu voto democrático através das urnas no ano de 2022. Esse voto não foi reconhecido por uma parcela da população e, dessa forma, criou-se um imaginário de revolta política, tal situação que desencadearia esse atentado à democracia<sup>2</sup>. Os militares e entusiastas apoiadores do regime militar nunca negaram a existência da ditadura, mas sim a justificaram como uma resposta a uma ameaça que nunca existiu. A ameaça fantasma apareceu mais tarde no imaginário da direita e extrema direita e foi justificada com ataques a Brasília, ameaça de um governo que tornaria o Brasil um país comunista, um país vermelho, assim como a justificativa feita em 1964<sup>3</sup>.

No mesmo ano de 2023, escavações de cunho investigativas foram iniciadas no departamento DOI CODI, e estão sendo divulgadas, mas que também podem ser acompanhadas pela população em visitas guiadas. As investigações somente foram retomadas no ano em que o Governo de Jair Messias Bolsonaro, considerado, inclusive por mim, como um governo autoritário e fascista, deixaria o poder<sup>4</sup>. Em minha percepção e análise, discussões históricas e movimentos acerca dessa memória são influenciados pelo tipo de governo que está no poder.

No presente trabalho, buscarei analisar as autobiografias e livros de memória como testemunhos e fontes históricas através de dois livros específicos: *Ainda Estou Aqui* e *Feliz Ano Velho*. Busco compreender como o contexto histórico e as vivências acumuladas pelo

---

<sup>1</sup> Funari, Pedro Paulo Abreu, and Andrés Zarankin. "Ditadura, direitos humanos e Arqueologia." *História: Questões & Debates* 69.2 (2021): 110-136.

<sup>2</sup> Barbosa, Cinthia Mirelly Gomes. "Desvendando os bastidores do golpe fracassado: uma análise da insurreição fascista de 08 de janeiro de 2023." *Boletim do Tempo Presente* 12.03 (2023): 57-60.

<sup>3</sup> Mariani, Bethania. "As formas discursivas e a ameaça comunista." *Línguas e Instrumentos Linguísticos* 44 (2019): 270-289.

<sup>4</sup> de Sousa, Kátia Menezes, and Rafael Camargo de Oliveira. "Fascismo e bolsonarismo: relações teóricas e discursivas entre as duas práticas."

autor no momento de sua escrita interferem na maneira como Marcelo Rubens Paiva olha o passado. Buscarei também analisar tais relatos como denúncias dos crimes cometidos pela Ditadura no Brasil entre os anos de 1964 e 1985 e que se perpetuaram como herança em 2015 e 2023, e compreender o contexto de produção do livro *Feliz Ano Velho* (1982), nos últimos anos da Ditadura Militar. A análise visa compreender a forma como Marcelo Rubens Paiva relembra a história do pai, preso político, em meio à sua própria experiência de vida e do acidente que o acometeu. Procurarei perceber como Marcelo Rubens Paiva, em 2015, retorna ao tema, escrevendo e reelaborando suas memórias, agora a partir da figura da mãe, tentando compreender como, na sua obra, ele revisita o passado da família na ditadura. Objetiva-se compreender os contextos históricos específicos da produção de ambas as obras, considerando o lançamento da primeira em 1982 e a segunda em 2015, período de grande agitação política no Brasil. A intenção é comparar as obras e as memórias sobre a Ditadura e a família deixadas por Paiva. E, por fim, analisarei como, em 2015, em meio às discussões sobre a Comissão da Verdade, Marcelo Rubens Paiva desejou intervir na sociedade através de seus escritos. Nesse primeiro tópico, irei fazer uma apresentação do autor, e da escrita do seu primeiro livro, *Feliz Ano Velho*. Já no segundo capítulo, analisarei a obra *Ainda estou aqui*.

## 1. Capítulo I Sobre *Feliz Ano Velho*

Marcelo Rubens Paiva é um escritor, provocador, dramaturgo e militante. Atualmente o escritor trabalha no jornal *Estado de São Paulo*<sup>5</sup> e lá discute temas políticos da atualidade brasileira. Seus textos abordam temas e questões sociais caras ao Brasil, sempre com uma nota crítica sobre a situação do país no presente ou no passado. Paiva é um escritor extremamente relevante para a discussão autobiográfica ficcional, historiográfica e memorialista da ditadura, pois, através de seus escritos, tentou repensar eventos ligados ao golpe civil militar no Brasil, iniciado em 1964<sup>6</sup>. O livro tratado neste primeiro capítulo é *Feliz Ano Velho*, lançado em 1982. A obra foi o primeiro livro publicado pelo autor e é marcada por uma escrita coloquial, em tom de autobiografia, permitindo um diálogo com o leitor.

*Feliz Ano Velho* foi publicado um ano após o acidente que deixou Paiva tetraplégico, aos 20 anos de idade. O livro é considerado por ele como uma carta de apresentação de um novo Marcelo Rubens Paiva para a sociedade, visto que sua vida não era mais a mesma após o mergulho em um lago raso, conforme narrado na introdução na edição de 40 anos de *Feliz Ano Velho*: “(...) você diz que a tua estreia literária tinha como principal objetivo te apresentar pro mundo, ser uma espécie de carta de identidade.(...) pra eu não ter que explicar toda hora o que tinha acontecido comigo”.<sup>7</sup> Nessa obra, o escritor via a necessidade de escrever sobre o acidente e de apontar suas angústias e dificuldades que foram e estavam sendo enfrentadas, seja na tentativa de apagá-lo de lugares que deveriam ser frequentados por todas as pessoas por questões de acessibilidade, ou até mesmo por defini-lo somente pela deficiência<sup>8</sup>. Marcelo Rubens Paiva, através do seu livro *Feliz Ano Velho*, também reconhecia a necessidade de se posicionar politicamente sobre questões relacionadas ao Brasil. Ele acreditava que era importante debater, contar e analisar o que estava se passando naquele momento de sua vida – e na vida do país.

O livro traz discussões pertinentes sobre esse período de redemocratização do Brasil e sobre o período da Ditadura Militar que havia presenciado na pele, a dor de ter um ente querido morto pelo regime. Nesse livro, portanto, há questões internas, que são seus medos e ansios sobre um novo corpo e o processo de recuperação dos movimentos corporais, a luta

---

<sup>5</sup> <https://www.estadao.com.br/cultura/marcelo-rubens-paiva/>

<sup>6</sup> ARTIÈRES. Philippe. Arquivar a própria vida – Estudos históricos. São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 1998 p. 11.

<sup>7</sup> PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, Edição de 40 anos p. 8.

<sup>8</sup> MIRANDA. Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

pela própria aceitação e por questões relacionadas à acessibilidade. Na obra há também um diálogo importante sobre a situação que o país havia acabado de passar e o processo de transição entre o regime militar, a censura e a redemocratização do Brasil. Em pauta, nessas memórias escritas por ele, estava latente a necessidade do reconhecimento de mortos e desaparecidos pelo regime. Portanto, em *Feliz Ano Velho* há questões pontuais referente a esses temas principais. Ao lermos a obra, percebemos que, a cada capítulo, os temas vão e voltam, nem sempre de forma linear ou cronológica, fazendo com que o leitor seja apresentado a diversas situações que o autor viveu em seu passado e ainda estaria vivendo naquele momento de escrita, 1982<sup>9</sup>, como veremos abaixo:

Pimpão era um gato incrível. Um dia apareceu em casa, foi com a cara do meu pai e passou a morar lá. Passava o dia inteiro na rua e só aparecia quando meu pai estava deitado, fumando charuto e lendo jornal. Ele pulava a janela, subia no encosto do sofá, descia calmamente até a barriga do velho e ficava lendo o jornal. Os dois se amavam silenciosamente. Dizem que quando um gato vai embora é sinal de morte. Pois é, o Pimpão sumiu e, pouco depois, deram sumiço no meu pai. (PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição de 40 anos, p. 48).

Percebo a narrativa cíclica na citação supracitada, visto que o movimento de ir e voltar das memórias do autor são demonstradas pela interlocução narrativa pessoal em relação ao seu gato. A partir dessa memória, ele entra em outra memória. Por exemplo, Marcelo Rubens Paiva vê uma rachadura na parede que lembra seu cachorro, o qual, por sua vez, lembra o gato, que por sua vez, lembra seu pai, que também partiu, desapareceu. Portanto, essas memórias e narrativas não se mostram lineares, mas como um conjunto de memórias que se entrelaçam, ligando uma situação menor a uma situação maior. Então, mesmo que Marcelo diga que a intenção de *Feliz Ano Velho* não é falar do seu pai, não é o que é de fato feito no livro. Isso porque, mesmo que de forma indireta como vimos na citação mencionada acima, mesmo e principalmente por estar no hospital, essas memórias retornam e ganham espaço em sua narrativa: (...) “No Rio de Janeiro, apareceu a velha esquerda revolucionária, achando que tinha escrito um livro sobre o meu pai e a luta. Eu informava logo de cara que não era sobre ele”.<sup>10</sup> Mas era um pouco também.

Em algumas escolas estaduais e municipais do Brasil *Feliz Ano Velho* se tornou uma obra primordial para o estudo da literatura e da Ditadura Militar no Brasil. A obra também se tornaria filme em 1987.<sup>11</sup> Nesse primeiro capítulo, meu objetivo é analisar o contexto de

---

<sup>9</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória”. In: DUARTE, Rodrigo & FIGUEIREDO, Virginia (orgs.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

<sup>10</sup> PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, Edição 40 anos, p.20.

<sup>11</sup> Filme lançado em 1987, foi escrito e dirigido por Roberto Gervitz, baseado na obra autobiográfica "*Feliz ano*

produção do livro *Feliz Ano Velho* (1982), escrito nos últimos anos da Ditadura Militar e a forma como Marcelo Rubens Paiva relembra a história do pai, Rubens Paiva, preso político do regime em meio a sua experiência pessoal de vida<sup>12</sup>. Pretendo compreender como o contexto histórico e as vivências acumuladas pelo autor interferem na maneira como Marcelo Rubens Paiva olha seu passado, pessoal e familiar, e como analisa a Ditadura Militar brasileira. Acredito que há diversos olhares através de suas lentes para essa situação do Brasil, a lente de quem sofreu com a tortura, a lente de quem se beneficiava com esse regime, entre tantas outras lentes. Buscarei analisar como o autor, a partir da experiência de ter seu pai morto pelo regime, influenciou o olhar impresso nas páginas de *Feliz Ano Velho*<sup>13</sup>.

A minha escrita é direcionada para um período que ainda traz movimentações na história contemporânea, como foi dito na introdução do capítulo, visto que há heranças que levam a essa movimentação<sup>14</sup>. Dessa forma, direciono o meu olhar para entender de qual maneira os romances *Feliz ano velho* (1982)<sup>15</sup> e *Ainda Estou Aqui* (2015)<sup>16</sup> se entrelaçam, e quais discussões eles levantam sobre os temas que envolvem a Ditadura Militar ocorrida no Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Começaremos com a narrativa do acidente e a reelaboração de Paiva de sua vida após o acontecimento, conforme será analisado no seguinte

---

*velho*”.

<sup>12</sup> Rubens Beyrodt Paiva nasceu em 26 de setembro de 1929, no município de Santos, no estado de São Paulo. Formou-se em engenharia civil pela Universidade Mackenzie, na capital paulista. Foi empresário e político brasileiro, eleito em outubro de 1962 deputado federal por São Paulo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mesma legenda do então presidente da República João Goulart. Como vice-líder do PTB na Câmara dos Deputados, atuou como vice-presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), instalada para apurar as denúncias contra as atividades do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), que em 1963 foram acusados de receber recursos internacionais com a finalidade de desestabilizar o governo Goulart. O deputado federal foi cassado logo após o golpe militar, através do primeiro Ato Institucional, de 9 de abril de 1966. Informação retirada do site: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/rubens-beyrodt-paiva/> acesso em 19/10/2023.

<sup>13</sup> LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: \_\_\_\_\_. Sociedade e discurso 142 Anu. Lit., Florianópolis, v.17, n. 2, p. 131-142, 2012. ISSN 2175-7917 ficcional. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 243-309

<sup>14</sup> Movimentações políticas como as que aconteceram no dia 8 de janeiro de 2023, manifestações bolsonaristas de direita que vandalizaram e aterrorizaram a democracia brasileira e movimentações políticas que aconteceram com o início das escavações em busca de mortos, torturados, e desaparecidos em 1964 que foram retomadas no ano de 2023 no mês de agosto em busca de vestígios para entendimento arqueológico, histórico e social daquela época. CNN Brasil. Escavações arqueológicas em prédio onde funcionou o DOI-Codi começam nesta quarta-feira (2). Nacional. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/escavacoes-arqueologicas-em-predio-onde-funcionou-o-doi-codi-comecam-nesta-quarta-feira-2/#:~:text=nesta%20quarta%20\(2\)-,Escava%C3%A7%C3%B5es%20arqueol%C3%B3gicas%20em%20pr%C3%A9dio%20de%20SP%20onde%20funcionou%20o%20Codi%20come%C3%A7am%20nesta%20quarta%20\(2\)&text=Come%C3%A7am%20nesta%20quarta%20feira%20\(2,%20Codi%20em%20S%C3%A3o%20Paulo](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/escavacoes-arqueologicas-em-predio-onde-funcionou-o-doi-codi-comecam-nesta-quarta-feira-2/#:~:text=nesta%20quarta%20(2)-,Escava%C3%A7%C3%B5es%20arqueol%C3%B3gicas%20em%20pr%C3%A9dio%20de%20SP%20onde%20funcionou%20o%20Codi%20come%C3%A7am%20nesta%20quarta%20(2)&text=Come%C3%A7am%20nesta%20quarta%20feira%20(2,%20Codi%20em%20S%C3%A3o%20Paulo)

<sup>15</sup> *Feliz Ano Velho* é um livro de memórias escrito pelo brasileiro Marcelo Rubens Paiva e foi publicado pela primeira vez em 1982, se tornando um sucesso literário no Brasil. PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

<sup>16</sup> *Ainda Estou Aqui* é um romance escrito por Marcelo Rubens Paiva, um autor brasileiro conhecido por suas obras de literatura contemporânea. O livro foi publicado em 2015. PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Alfabeta, 2015.

fragmento: Foi o que eu prometi a mim mesmo. Se eu não voltar a andar, darei um jeito qualquer pra me matar”. Era bom pensar assim. Eu não tinha medo de morrer. Era muito mais fácil a morte que a agonia daquela situação.<sup>17</sup>

Neste fragmento do livro *Feliz Ano Velho*, podemos notar a intenção de Marcelo de não querer mais estar ali, pois essa intenção é narrada por ele, e a situação da deficiência não foi encarada com otimismo por ele, mas sim como um fardo que não conseguiria carregar. Até então, Paiva imaginava que poderia voltar a andar, e caso não conseguisse, tiraria sua própria vida. A narrativa é construída para que torçamos com o protagonista do livro, pois sabemos o que se passa na cabeça dele, visto que são narrados sentimentos de angústias e incerteza sobre o futuro. Assim, o movimento de suas pernas definiria naquele momento o seu destino. Mesmo sendo uma autobiografia, a narrativa apresenta elementos de ficção: "(...) é justamente colocar em cena um personagem que é um cara que fuma maconha, trepa com as namoradas e não parece movido por uma ideologia muito determinada."<sup>18</sup>

Ou seja, na narrativa ele é colocado como protagonista, um personagem, que talvez no meio literário não seria colocado como central de uma história. Mas, como a história é narrada por ele, ele tem o poder de fazer esse tipo de alteração: “(...) Minha mãe revisou informações sobre a ditadura. Perguntei a amigos e amigas citadas qual nome gostaria de ter no livro. Cada um escolheu um codinome.”<sup>19</sup>

Dessa forma, o texto pode ser considerado uma autobiografia ficcional por todas as alterações modificadas na narrativa para ocultação de nomes, e interferência: (...) no caso, os pensamentos são reproduzidos a partir da perspectiva da própria personagem, mas a manutenção da terceira pessoa e o do imperfeito "finge" o relato impessoal do narrador<sup>20</sup>.

Dessa forma, por mais que ele dê esse poder de poder escolher o nome dos personagens, somos apresentados a essas informações na edição de 40 anos, diferentemente da primeira edição, a qual o leitor desconhece tal fato. Somente o nome estaria dentro desse controle dessa história, o restante cabe à perspectiva do próprio personagem em separar os momentos que considerou relevante para contar a sua narrativa.

A história pode ser considerada como um período que já passou e que não tem interferência no presente. Podem até mesmo preferir tentar “apagá-las” ou até mesmo esquecer-la, mas os debates sobre a memória da ditadura no país, bem como sobre os crimes

---

<sup>17</sup> PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 75.

<sup>18</sup> PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 11.

<sup>19</sup> PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, Edição 34, p. 16.

<sup>20</sup> CÂNDIDO, A.; Rosenfeld, A; et. al; *A Personagem de Ficção*, (1976) p. 17.

cometidos no período, mostram que não só não é possível esquecer, como é preciso confrontar tais eventos: “(. ) então superficialmente, escrevi minhas lembranças de doze anos do dia da prisão, e fui obrigado pela verdadeira testemunha, a esposa dele, presa no dia seguinte e levada ao mesmo DOI-CODI, no II exército”<sup>21</sup>.

No fragmento acima, podemos ver como Marcelo percebe o tipo de narrativa que fez, e como invalida a sua própria memória ao contar a sua história. Ele menciona também que essa reelaboração é feita e revisada por sua mãe Eunice e é apresentada pelos amigos. Em *Feliz Ano Velho* percebo uma narrativa indireta feita em “equipe”, visto que há a participação de terceiros no processo narratológico.

É importante também analisar o contexto de produção do livro *Feliz Ano Velho* (1982) e como Marcelo Rubens Paiva relembra a história de seu pai, um preso político da ditadura. No capítulo seguinte, buscarei entender como sua escrita se dirige a um período que continua a influenciar a história contemporânea por isso sua relevância. Dessa forma minha pesquisa buscará entender como os romances *Feliz Ano Velho* (1982) e *Ainda Estou Aqui* (2015) se entrelaçam e levantam discussões sobre a Ditadura Militar no Brasil entre 1964 e 1985.

Percebo um fio condutor entre a narrativa de *Feliz Ano Velho e Ainda Estou Aqui*, que envolve a necessidade de revisitar a história e discutir a importância desse período. Evito cair no clichê de "não deixar a história se repetir", mas destaco a importância de discutir abertamente com a sociedade sobre o período em questão, revisitando os acontecimentos históricos e refletir sobre as leis, em especial a Lei da Anistia e seus efeitos na sociedade brasileira. Trago essa discussão de forma latente em meu trabalho, por um aspecto político e social como a mesma é tratada e traga várias vezes no livro *Feliz Ano Velho*.<sup>22</sup>

Quando há um governo autoritário, observamos tentativas de apagar a história desse período ou distorcer a imagem de um governo civil-militar, pintando como uma farsa, de que foi benéfico para a sociedade, e justificando a manutenção desse regime. Entendo que, através de discussões históricas, é possível revisitar esses temas e apontar a necessidade de não

---

<sup>21</sup> PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 16.

<sup>22</sup> Lei da Anistia (Lei nº 6.683/1979). Promulgada em 28 de agosto de 1979. Brasília: Presidência da República, 1979. REIS, Daniel Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 23, p. 171-186, 2010.

Ventura, Deisy. "A interpretação judicial da Lei de Anistia brasileira e o direito internacional." *Revista anistia política e justiça de transição* 4 (2010): 196-226.

Abrão, Paulo. "A Lei de Anistia no Brasil: as alternativas para a verdade e a justiça." (2012).

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. Dever de memória e a construção da história viva: a atuação da Comissão de Anistia do Brasil na concretização do direito à memória e à verdade. SANTOS, Boaventura de Sousa, PIRES JUNIOR, Paulo Abrão, MACDOWELL, Cecília et TORELLY, Marcelo D. Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro. Estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

permitir mudanças que diminuam a importância desse período e das políticas públicas que possam ser reavaliadas, respeitando a memória das vítimas daquele período em qualquer situação política do Brasil<sup>23</sup>, exatamente por entender que uma memória não pode ser influenciada ou apagada pelo tipo de regime inserido. Portanto, é crucial promover um diálogo e discussão entre a sociedade e o meio acadêmico que genuinamente ampliem o conhecimento sobre esse período e suas consequências ao longo da história, e para além do período e afim da divulgação científica sobre o tema.

As escavações a que me refiro na introdução do texto foram retomadas apenas no ano de 2023, após movimentações e solicitações realizadas em 2018. Analisar também como essas escavações e os achados subsequentes podem contribuir para a compreensão e o registro histórico desse período específico da Ditadura Militar no Brasil é importante<sup>24</sup> e fazer uma ligação, como um fio condutor, da ditadura e dos anos que foram realizadas as escritas de Paiva (1982, 2015). Por fim, realizar uma ligação com minha escrita e análise acerca das escavações retomadas, desse modo as escavações recentes de vestígios se juntam as minhas fontes *Ainda Estou Aqui* (2015) e *Feliz Ano Velho* (1982), justamente para apontar essas agitações que se mostram presentes ainda.

Em minhas investigações, realizei a análise com fontes primárias, os livros de Marcelo Rubens Paiva supracitados, fragmentos de jornais da época, artigos que discutem os temas como ditadura, memória e bibliografia articulada sobre o assunto, assim como entrevistas dadas pelo escritor Paiva, documentação visual e audiovisual.

A Ditadura Militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985 marcou um dos períodos mais sombrios e conturbados da história recente do país. Durante esse tempo, houve uma repressão sistemática dos direitos civis, políticos e sociais, resultando em graves violações aos direitos humanos, perseguições, torturas e mortes<sup>25</sup>. Os relatos acerca desse período são latentes para compreender as transformações pelas quais o Brasil passou nessa época, e as autobiografias e livros de memória são importantes fontes históricas para

---

<sup>23</sup> Martins Filho, João Roberto. "A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares." *Varia História* 28 (2002): 178-201.

<sup>24</sup> Lemos, Caroline Murta. "Construindo "memórias materiais" da ditadura militar: a Arqueologia da Repressão e da Resistência no Brasil." *Revista de Arqueologia* 29.2 (2016): 68-80.

<sup>25</sup> Magalhães, Marionilde Dias Brepohl de. "A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil." *Revista Brasileira de História* 17 (1997): 203-220.

Angelo, Vitor Amorim de. "Ditadura militar, esquerda armada e memória social no Brasil." (2011).

Macarini, José Pedro. "A política econômica da ditadura militar no limiar do "milagre" brasileiro: 1967/69." *Campinas: IE/Unicamp* (2000).



reinterpretar a história do país<sup>26</sup>.

As memórias se tornam uma importante fonte histórica para compreender as maneiras pelas quais esse passado foi e ainda é percebido ou lembrado. Desse modo, acredito na relevância da escrita e na análise que será feita sobre os livros *Feliz Ano Velho e Ainda Estou Aqui*<sup>27</sup>. A partir das memórias pessoais e coletivas, é possível acessar informações, experiências, sentimentos e vivências que não estão necessariamente registrados em documentos dados como oficiais ou outras fontes históricas tradicionais<sup>28</sup>:

A memória é uma construção social. É na interação com a sociedade, grupos e instituições que construímos as nossas lembranças. Portanto, o pertencimento a um determinado grupo influi na construção da memória individual. Nesse sentido, torna-se útil ao historiador o conceito de "geração". A análise de um conjunto de indivíduos que compartilha experiências sociais historicamente distintas das de outros pode contribuir para a compreensão da história, não só do grupo, mas também de um dado momento de uma sociedade. (VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. "As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades." *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)* 22 (2009): 65-84.)

No caso da Ditadura Militar no Brasil, as memórias das vítimas, sobreviventes, familiares e outros envolvidos nesse período são uma chave em meus apontamentos dentro da historiografia, para entender as violações aos direitos humanos, a repressão política e as transformações sociais e políticas que ocorreram nesse período da história nacional.<sup>29</sup> Bem como quais as influências que ocorrem na sociedade contemporânea por conta de tais ações, sejam elas repressivas ou perpetrantes de uma falsa imagem de um determinado regime que se configurou e se mostrou presente em outros momentos importantes para o passado nacional, como em 2016, no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, ou até mesmo nos ataques antidemocráticos ocorridos em 2023<sup>30</sup>. As memórias pessoais e coletivas contribuem para uma compreensão mais ampla do impacto da ditadura na vida das pessoas

<sup>26</sup> PEREIRA, Maria Luiza Scher. Modos de viajar, modos de narrar. Modos de ler, modos de escrever. In: CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia (Org). Literaturas em movimento; hibridismo cultural e exercício crítico. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 163-175

<sup>27</sup> PEREIRA, Maria Luiza Scher. Modos de viajar, modos de narrar. Modos de ler, modos de escrever. In: CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia (Org). Literaturas em movimento; hibridismo cultural e exercício crítico. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 1-20

<sup>28</sup> ZINN, Howard. A história dos homens. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

<sup>29</sup> Figueiredo, C. A. S. (2020). LITERATURA DO TESTEMUNHO: A LITERATURA DA ERA DAS CATÁSTROFES. *EntreLetras*, 11(1), 7–27. <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2020v11n1p7>

<sup>30</sup> Em 2023, ocorreram ataques à democracia e ao estado de direito, perpetrados por terroristas com ideologias fascistas em uma tentativa de golpe. Acredito que essa ação tenha uma ligação direta e possa ser considerada como uma herança da ditadura, entre outras questões, como, por exemplo, a prática da tortura.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2023/01/imagens-mostram-ataques-aos-palacios-dos-tres-poderes-em-brasil>

Drummond, Daniela, and Francieli Manginelli. "O ATAQUE DE 8 DE JANEIRO NOS EDITORIAIS DOS JORNAIS BRASILEIROS." (2023).

Grassi, Amaro, et al. "Ataque à democracia e repercussão do dia 8 de janeiro: disputas narrativas em torno dos atos antidemocráticos nas plataformas on-line." (2023).

e na sociedade brasileira como um todo, tais impactos que se perpetuam desde 2016 até o momento atual na história, como por exemplo pedidos à volta de um regime repressivo e antidemocrático. Defendo que tanto os pedidos de volta a ditadura, quanto ao ataque às urnas de forma indireta em 8 de janeiro são heranças causadas pela ditadura.<sup>31</sup>

Dessa forma, as autobiografias como a de Paiva são fontes históricas que permitem acessar essas memórias e reinterpretar o passado a partir da perspectiva de quem o vivenciou. Por meio dessas obras é possível conhecer as experiências, percepções e sentimentos dos autores em relação ao período da ditadura, bem como as suas reflexões sobre as lutas pela democracia e das opressões vivenciadas naquele período.

No entanto, é importante ressaltar que as memórias são sempre subjetivas e influenciadas pelas experiências pessoais e pelas perspectivas dos autores.<sup>32</sup> Isso significa que as memórias não devem ser consideradas como verdades absolutas e imutáveis, mas como construções históricas que precisam ser analisadas e interpretadas em seu contexto social, político e cultural ao todo. Por isso, é crucial que as memórias sejam consideradas em conjunto com outras fontes históricas e que sejam submetidas a uma análise que leve em conta o contexto histórico, social e político em que foram produzidas, conforme irei realizar ao decorrer do trabalho. Além disso, acredito ser pertinente que as memórias da ditadura, e os anos que a sucederam sejam analisadas, como uma forma legítima de produção de conhecimento histórico, que contribui para uma compreensão mais ampla de narrativa autobiográfica.

Em seus livros, *Feliz Ano Velho* e *Ainda Estou Aqui*, Marcelo Rubens Paiva utiliza suas próprias memórias para contar a história de sua vida e de sua família durante a Ditadura Militar no Brasil<sup>33</sup>. Os livros são exemplos de como as memórias podem ser – e se configuram como – uma fonte relevante para entendermos o passado e as experiências individuais durante momentos históricos autoritários, marcados ou não pela censura, mesmo que o objetivo do autor não seja a transformação do livro em uma fonte histórica a ser analisada pelo historiador. A memória pode falhar e as lembranças são influenciadas por fatores externos e internos, como o esquecimento e o trauma..

O historiador francês Jacques Le Goff parte do pressuposto de que a memória é um fenômeno complexo, que envolve a relação entre a experiência vivida, as emoções e os

---

<sup>31</sup> HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos - o breve século XX - 1914-1991. Tradução: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>32</sup> Figueiredo, C. A. S. (2020). LITERATURA DO TESTEMUNHO: A LITERATURA DA ERA DAS CATÁSTROFES. *EntreLetras*, 11(1), 7–27. <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2020v11n1p7>

<sup>33</sup> Vasconcelos, Sandra Maia Farias, and Maria Neurielli Figueiredo Cardoso. "Novas fronteiras linguísticas: um estudo sobre o gênero autobiográfico." (2009).

sentidos, as representações simbólicas e a linguagem<sup>34</sup>. Nesse sentido, a memória não é apenas uma reprodução fiel do passado, mas uma construção histórica que reflete as diferentes perspectivas, interesses e valores dos indivíduos e grupos envolvidos. A relação entre história e memória é, portanto, uma relação dialética, que envolve a constante negociação entre diferentes narrativas e interpretações do passado. Essa concepção de Le Goff é relevante para se compreender a relação entre a história e a memória através desses dois livros de Marcelo Rubens Paiva, uma vez que ele, Le Goff, considera a memória como um fenômeno complexo que não se limita à mera reprodução do passado. Para o autor, a memória é um processo de construção histórica que está em constante transformação, influenciada pelas diferentes perspectivas, emoções, representações simbólicas e linguagem dos indivíduos e grupos envolvidos<sup>35</sup>. A partir desse ponto de vista, podemos inferir que a memória não é um fenômeno unívoco, mas sim multifacetado e dinâmico, pois é influenciada pelas vivências pessoais e coletivas, pelas lembranças e esquecimentos, pelas emoções e afetos, entre outros aspectos. Dessa forma conseguimos compreender os momentos escolhidos por Paiva de escrita. Paiva escreve em um período de abertura política, em 1982, e novamente quando a democracia se mostra sendo atacada por meio de manifestações públicas. Com isso, a memória é construída a partir de diferentes narrativas e interpretações do passado. Assim, minha análise de *Feliz Ano Velho* e do livro *Ainda Estou Aqui* não irá medir ou julgar a narrativa de Paiva. Acredito que, como historiadora e professora em formação, o meu trabalho seja compreender essa narrativa, em que no início acreditava-se que a sua escrita era somente autobiográfica, mas ao decorrer da análise pude realizar a conclusão que se trata de uma autobiografia ficcional<sup>36</sup>.

A relação entre história e memória é, portanto, uma relação dialética, que implica a constante negociação entre diferentes perspectivas e interesses, bem como a disputa pela hegemonia da interpretação do passado. Assim, a memória não é um simples reflexo do passado, mas um processo ativo de construção da identidade individual e coletiva, que reflete os valores, crenças e interesses de uma determinada época e lugar, como nesse caso específico, as memórias vividas por Paiva, e narradas contendo interferência no seu passado, presente e contexto político brasileiro. Dessa forma, a história e a memória não são opostas,

---

<sup>34</sup> Jacques Le Goff foi um historiador francês considerado uma das principais referências da chamada "Nova História". Nascido em 1924 e falecido em 2014, Le Goff dedicou sua vida à pesquisa e ao ensino da história, tendo sido professor na Universidade de Paris e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

<sup>35</sup> Gondar, Jô. "Memória individual, memória coletiva, memória social." *Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social* 7.13 (2008).

<sup>36</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, p-25-50 2006

mas sim complementares, pois a história é uma construção narrativa da memória, que busca compreender e interpretar o passado a partir de diferentes perspectivas e interpretações<sup>37</sup>.

Mesmo depois de mais de três décadas desde o fim da Ditadura Militar no Brasil, a discussão sobre esse período histórico e suas consequências ainda é muito presente e contemplada. Isso se deve a diversos fatores, como a persistência de práticas autoritárias em determinadas esferas do poder e a contínua luta por justiça e reparação das vítimas da ditadura e nessa luta por narrativa<sup>38</sup>. Além disso, o atual contexto político e social do país torna ainda mais urgente o debate sobre a ditadura e suas heranças. Observa-se um clima de polarização política, com ameaças constantes à democracia e aos direitos humanos, direitos humanos e conceitos básicos deturpados de acordo com a visão conservadora da extrema direita. Muitas das discussões atuais têm sido marcadas pela tentativa de desqualificar e deslegitimar as vozes críticas e as lutas por direitos e justiça social, o que é uma reminiscência do autoritarismo e da intolerância que marcaram a ditadura<sup>39</sup> a esse ataque constante à democracia e ao estado democrático de direito. A censura e a perseguição política também têm sido temas recorrentes no atual contexto brasileiro, acredito que seja interessante pontuar que esses temas não têm somente uma forma de serem vistos e discutidos, as discussões são variadas e influenciadas pelo contexto histórico. O avanço das tecnologias de informação e comunicação permitiu uma maior disseminação de ideias e opiniões, mas também tem sido utilizado para disseminar desinformação e discurso de ódio, entre eles os com conteúdo saudosista da Ditadura Militar e das práticas de tortura<sup>40</sup>. Por isso, acredito destacar a relevância da pesquisa e divulgação científica acerca da ditadura e da memória<sup>41</sup>. “O argumento do pêndulo democrático baseia-se na ideia de que a democracia brasileira envolve tanto períodos democráticos como períodos de regressão democrática”. (AVRITZER, L. (2019) O Pêndulo da Democracia no Brasil. P. 276)

O argumento do pêndulo democrático é uma teoria que descreve a história política do Brasil como um ciclo que oscila entre períodos de democracia consolidada e períodos de

---

<sup>37</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, p,25-50 2006  
de Almeida Neves, Lucília. "Memória, história e sujeito: substratos da identidade." *História oral* 3 (2000).  
Montenegro, Antonio Torres. "História e memória: combates pela história." *História oral* 10.1 (2007).  
Thompson, Alistair. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias." *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História* 15 (1997).

<sup>38</sup> SILVA, Hélio. A revisão da História do Brasil. Editora Record, 1985, pp.

<sup>39</sup> Reis, Daniel Aarão. *A ditadura que mudou o Brasil*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

<sup>40</sup> Cardoso, Lucileide Costa. "Volta à Ditadura"? Retorno da Utopia Autoritária presente nas Memórias de Militares e Civis de 1964." *Revista Contenciosa* 8 (2018): 1-11.

<sup>41</sup> Dourado, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. [Tese de doutorado]. Universidade Federal da Bahia, [2020]. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31967>>. Acesso em: [30/08/2023].

regressão democrática. Essa ideia foi desenvolvida por acadêmicos, como Leonardo Avritzer, para entender a dinâmica política do Brasil ao longo de sua história, e a escrita de Paiva se inicia em dois momentos em que esse pêndulo da democracia está em fragilidade regressiva, tanto em 1985. quanto em 2015.

A Ditadura Militar (1964-1985) foi um projeto autoritário e conservador que visava a manutenção dos privilégios das elites e a supressão das liberdades civis e políticas. Trago informações sobre o período nessa discussão especialmente sobre essa oscilação da democracia e de políticas como a lei da anistia que afetaram e ainda afetam essas memórias narradas em *Feliz Ano Velho*, visto que no livro - e em *Ainda Estou Aqui* - , são temas recorrentes na escrita do Paiva.

No contexto brasileiro, a Ditadura Militar é um período marcado pela violência, repressão e violação dos direitos humanos<sup>42</sup>. A manutenção da memória da Ditadura é significativa para que as gerações futuras tenham consciência do que aconteceu no passado.<sup>43</sup> Além disso, a reflexão sobre a Ditadura também é importante para que se possa fazer justiça às vítimas do regime, bem como para que se possa responsabilizar aqueles que cometeram crimes durante o período, responsabilizações que não foram feitas em decorrência de governos autoritários, falta de memória histórica, desqualificação da gravidade do que aconteceu, e tentativa de “pular a página” para que houvesse um esquecimento desse período<sup>44</sup>

Em 1985, Marcelo Rubens Paiva era um jovem escritor que havia publicado recentemente seu primeiro livro, *Feliz Ano Velho*. Naquele ano, o Brasil ainda estava em processo de transição democrática, após mais de duas décadas de regime militar.<sup>45</sup> A eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República, em janeiro daquele ano, trouxe esperança e expectativa para a população brasileira<sup>46</sup>. Marcelo Rubens Paiva, assim como muitos outros intelectuais e artistas da época, estava envolvido em debates e discussões sobre o futuro do país. Além disso, Marcelo Rubens Paiva também se engajou em

<sup>42</sup> Jardim, Luis Eduardo França. "Psicologia social e pesquisa com memória: método e reparação de danos da ditadura civil-militar." *Psicologia: Ciência e Profissão* 37 (2017): 103-115.

<sup>43</sup> Bauer, Caroline Silveira. "Quanta verdade o Brasil suportará? Uma análise das políticas de memória e de reparação implementadas no Brasil em relação à ditadura civil-militar." *Dimensões* 32 (2014): 148-169.

<sup>44</sup> Neto, Enéas Cardoso. "Súmulas como instrumento do ativismo judicial, a Súmula 647 do STJ e a concretização da reparação das vítimas da ditadura militar (1964-1985)." *OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA* 21.7 (2023): 7238-7252.

<sup>45</sup> Vieira, Oscar Vilhena. *A batalha dos poderes: da transição democrática ao mal-estar constitucional*. Editora Companhia das Letras, 2018.

<sup>46</sup> REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil, Repressão e Pretensão de Legitimidade, 1964 - 1984*. Capítulo VI: 1979-1984 – A Insistência dos Condutores da Abertura Política em Sedimentar uma Consciência Positiva sobre o Regime Militar como um Todo. Páginas 285-329.

movimentos sociais e políticos que lutavam pela democratização do país e pela ampliação dos direitos civis, como ele narra no seguinte fragmento: “(...) na adolescência, eu escrevia no jornal do Colégio Santa Cruz sobre o que acontecia na Ditadura. Ou melhor, sobre o que eu sabia. Escrevia letras de músicas, poemas e artigos irônicos no jornal do DCE da Unicamp”<sup>47</sup>.

Em 1985, por exemplo, participou da fundação do Movimento de Defesa dos Direitos dos Portadores de Deficiência (MDDPD), que tinha como objetivo lutar pela inclusão social e pela garantia dos direitos das pessoas com deficiência. A obra de Marcelo Rubens Paiva, em particular, destacou-se por abordar temas como a deficiência física, a violência urbana, a censura e a repressão política, com uma linguagem direta e despojada. Sua obra literária e seu ativismo político tiveram um papel relevante na construção de uma nova ordem social e política no Brasil, que se consolidaram nos anos seguintes<sup>48</sup> Essa nova ordem a qual me refiro é essa tentativa de resistência e manutenção da democracia e dos direitos civis, e liberdade de expressão na escrita autobiográfica. Para além de trabalhos academicistas, percebemos nessa narrativa autobiográfica uma tentativa de mostrar ao mundo o que estava acontecendo no Brasil, com o povo brasileiro naquele período, as marcas daqueles que ficaram, do filho, da esposa, uma narrativa que não poderia ser apagada. Havia grande movimentação na escrita historiográfica brasileira, visto que houve historiadores e estudiosos que realizaram pesquisas acerca do assunto. Então, dessa forma, para além da percepção estrangeira, investigo que tais escritas se desenvolvem na perspectiva que se alonga a um papel na memória nacional historiográfica brasileira.

Após a redemocratização<sup>49</sup> do país, foi criada uma comissão para investigar os crimes cometidos pelo regime militar e, em 2014, a Comissão Nacional da Verdade, que divulgou um relatório confirmando a participação do Estado na morte de Rubens Paiva. Os autores materiais do crime foram identificados como sendo agentes do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), órgão de repressão do regime militar. Além disso, a Comissão Nacional da Verdade identificou a participação de outros agentes do Estado no sequestro e na morte de Rubens Paiva, incluindo membros do Exército e da Polícia Militar.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição de 40 anos, p. 10.

<sup>48</sup> SADER, Eder. *Quando os novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>49</sup> Chauí, Marilena, and Marco Aurélio Nogueira. "O pensamento político e a redemocratização do Brasil." *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* (2007): 173-228.

<sup>50</sup> Relatório Preliminar de Pesquisa: Caso Rubens Paiva - O Esclarecimento de Graves Violações aos Direitos Humanos pela Comissão Nacional da Verdade.

Apesar da investigação ter identificado os responsáveis pelo crime, até hoje nenhum dos envolvidos foi responsabilizado judicialmente. Em sua obra, Paiva trás essa narrativa sobre a falta do seu pai, por isso foi trago a discussão acerca da lei da anistia e sua revisão. A morte de Rubens Paiva é considerada um dos casos mais emblemáticos de violação dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil e sua história é lembrada como um símbolo da luta contra a opressão e a violência do regime<sup>51</sup>. Marcelo muda o seu texto, e nesse momento faz algumas rimas, com essa falta que o seu pai fez nesse momento de sua vida:

(...) meu pai me ensinou a andar a cavalo.  
Meu pai me ensinou a nadar.  
Me incentivou a ser moleque de rua  
(...) mas meu pai não pôde me ensinar mais (PAIVA, 2023, Feliz Ano Velho, edição de 40 anos, p. 10)

A obra foi adaptada para o cinema em 1987 e o livro foi reconhecido como importante para a percepção do passado brasileiro, sendo escrito com um tom de proximidade, já que está narrado em primeira pessoa, o que possibilita um diálogo mais próximo com o leitor, se tornando mais tarde como uma característica de escrita do escritor. Neste primeiro capítulo, meu objetivo é analisar o contexto de produção do livro *Feliz Ano Velho* (1982), escrito nos últimos anos da Ditadura Militar, e a forma como Marcelo Rubens Paiva relembra a história do seu pai, Rubens Paiva, que foi preso político durante o regime. Pretendo compreender como o contexto histórico e as vivências acumuladas pelo autor interferiram na maneira como ele olha seu passado pessoal e familiar, e como analisa a Ditadura Militar brasileira<sup>52</sup>. Acredito que existem diversos olhares sobre essa situação do Brasil, como o olhar de quem sofreu com a tortura, o olhar de quem se beneficiava com esse regime, entre outros. Buscarei analisar como o autor, a partir da experiência de ter seu pai desaparecido pelo regime, constrói uma interpretação sobre a ditadura nas páginas de *Feliz Ano Velho*.

## 1.2 - Os caminhos das pesquisas sobre *Feliz Ano Velho*

O livro *Feliz Ano Velho* (1982), de Marcelo Rubens Paiva, é uma obra que despertou

---

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/mobile/outros-destaques/442-relatorio-da-cnv-aponta-autores-de-tortura-e-morte-de-rubens-paiva.html> <URL>. Acesso em: 18/10/2023.

<sup>51</sup> Relatório Preliminar de Pesquisa: Caso Rubens Paiva - O Esclarecimento de Graves Violações aos Direitos Humanos pela Comissão Nacional da Verdade. Disponível em:

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/mobile/outros-destaques/442-relatorio-da-cnv-aponta-autores-de-tortura-e-morte-de-rubens-paiva.html> <URL>. Acesso em: 18/10/2023.

<sup>52</sup> DOS SANTOS, Darlan Roberto. AUTOBIOGRAFIA E JULGAMENTO EM FELIZ ANO VELHO, DE

MARCELO RUBENS PAIVA.



interesse e curiosidade desde seu lançamento. A narrativa autobiográfica do autor, que relata o acidente que o deixou paraplégico, tornou-se um marco na literatura brasileira contemporânea, gerando debates e reflexões sobre temas como juventude, identidade, superação e família. Ao longo dos anos, muitos pesquisadores e críticos literários se dedicaram a estudar e analisar o livro, percorrendo diferentes caminhos de pesquisa e produzindo uma variedade de abordagens e interpretações. Um dos caminhos mais explorados pelas pesquisas sobre *Feliz Ano Velho* é o da análise literária<sup>53</sup>. Muitos estudos têm se concentrado nas características formais e estilísticas da obra, buscando compreender como a narrativa é construída e quais são os elementos que a tornam uma obra singular. Alguns críticos literários, por exemplo, têm destacado a importância do humor e da ironia na narrativa de Paiva, enquanto outros têm enfatizado a dimensão autobiográfica do livro e sua relação com a história recente do Brasil<sup>54</sup>.

Outro caminho de pesquisa bastante explorado é o da análise temática. Nesse caso, os estudos se concentram nos temas abordados pelo livro e na forma como eles são desenvolvidos ao longo da narrativa. Temas como a juventude, a sexualidade, a deficiência física, a família e a política têm sido objeto de reflexão por parte dos pesquisadores, que buscam compreender como esses temas são trabalhados por Paiva e quais são suas implicações mais amplas<sup>55</sup>.

Além desses caminhos mais tradicionais, há também pesquisas que exploram outras dimensões da obra. Por exemplo, alguns estudos têm se dedicado a investigar as relações entre *Feliz Ano Velho* e outras obras da literatura brasileira contemporânea, buscando compreender como o livro se insere no contexto mais amplo da produção literária do país<sup>56</sup>. Ao longo dos anos, esses estudos têm contribuído para ampliar nosso entendimento sobre a obra, tornando-se uma referência não apenas para os estudiosos da literatura brasileira, mas

---

<sup>53</sup> Vecchi, Roberto. "Biopolítica e literatura: os disiecta membra do presente em Feliz ano velho." *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 44 (2007): 13-26.

Simon, Márcia Zelinda Bocchi. "História, Literatura e memória: um estudo de caso a partir de feliz ano velho de Marcelo Rubens Paiva." (2014).

Menezes, Andréia Cristina, and Odair Luiz da Silva. "O enredo presente em "feliz ano velho" e "notícia de um seqüestro": relatos não-ficcionais." *Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR* 13.4 (2005).

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. Unesp, 2004.

<sup>54</sup> Simon, Márcia Zelinda Bocchi. "História, Literatura e memória: um estudo de caso a partir de *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva." (2014).

<sup>55</sup> Ginzburg, Jaime. "O narrador na literatura brasileira contemporânea." *Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane* 2 (2012): 199-221.

DA SILVA, Maricelma; TELLES, Luís Fernando Prado. Sobre como não ir embora: memória e metanarrativa em *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. *Raído-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD*, v. 13, n. 32, p. 130-155, 2019.

<sup>56</sup>Paiva, Iúna Gabriela Costa de. "Memórias familiares da ditadura brasileira em *ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva." (2017).

também para todos aqueles que se interessam por temas como memória, trauma e resiliência<sup>57</sup>.

### **1.3 - Elaborando e reelaborando memórias da ditadura em *Feliz Ano Velho***

Ao lermos *Feliz Ano Velho*, somos apresentados a um jovem de 20 anos, que acabou de sofrer um acidente. Ainda sem entender muito bem a situação, ou a gravidade daquele momento, Marcelo Rubens Paiva, narrador em primeira pessoa da obra, tenta fugir do tédio daquele hospital e decide mergulhar nos seus devaneios e nas suas memórias. Seu livro traz uma narrativa do presente vivido por ele e do passado de sua história de vida. A partir do momento em que o autor percebe a gravidade do acidente que sofrera, se vê totalmente perdido e sem perspectiva de vida, sem esperança de um futuro em cima de uma cadeira de rodas. Após o acidente, passa então a virada do ano dentro do hospital, para se recuperar.

Assim, desenvolve o enredo a partir do ponto de partida da sensação de que aquele ano não seria um “feliz ano novo”, mas sim um “feliz ano velho”, e desse exato momento surge o título do livro, uma vez que, para ele, não faria sentido viver daquela forma, em um corpo que não reconhecia, sem movimentos. Um corpo que o impedia de fazer o que mais gostava naquele momento: tocar violão. A escrita do Marcelo é uma escrita ficcional, apesar de ser uma obra autobiográfica. Paiva é convidado a escrever esse livro por uma outra pessoa, Caio Prado Jr, e o personagem, apesar de existir e ser o próprio Marcelo, é criado de acordo com o público popular daquela época, digo, um público mais jovem e despojado na sua escrita com o tipo de linguagem juvenil de uma narrativa ficcional. O livro *Feliz Ano Velho* também traz essa narrativa sentimental, com uma tentativa de trazer o público para dentro do seu livro e compadecer os leitores com o que aconteceu com seu pai. O objetivo parece ser o envolver o leitor naquela narrativa a ponto de ser o protagonista da história em busca de justiça. Dessa forma, irei adentrar mais nessa escrita, em especial no momento em que o pai de Marcelo seria levado por forças militares.<sup>58</sup>

Os momentos em que a narrativa evoca as memórias sobre a ditadura, como vimos na citação: “Nunca em toda a minha vida meu pai fizera tanta falta. Não sei ao certo o que é ter um pai, foi pouco o tempo que pude dizer “papai”. Mas de uma coisa tenho certeza: ele se orgulhava de mim”<sup>59</sup>, ocorrem quando Marcelo se encontra paralisado, dependendo do tempo, fisioterapia e medicações no hospital. Essas memórias da Ditadura são acionadas em momentos que considero vulneráveis.

<sup>57</sup> Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: 1994

<sup>58</sup> NAPOLITANO, Marcos. A ditadura entre a memória e a história. In: 1964. História do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

<sup>59</sup> PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição de 40 anos, p. 88.

No lugar da arma, o papel. Ao invés do tradicional tribunal, a autobiografia com seu metafórico julgamento, efetivado através do relato de uma vida. A necessidade não mais de derrubar o regime militar, mas de mantê-lo vivo na memória nacional, juntamente com suas implicações, tal como um legado para o futuro, em nome da preservação da democracia, é esse o parecer que se espera do juiz/leitor ao qual se dirige *Feliz ano velho*<sup>60</sup>.

O autor Darlan Roberto dos Santos discute que a narrativa de Marcelo se torna uma arma de julgamento. Discordo dessa colocação e me fez ter algumas percepções que acredito relevantes, como, por exemplo, o fato de que Marcelo nunca se viu na tentativa de derrubar o regime através das memórias narradas, mas sim de transmitir para a sua narrativa algumas angústias, trago essa discordância não para defender o escritor Paiva, mas para expressar minha opinião referente a essa percepção, que é contrária. Marcelo Paiva não entrega ao leitor a história da sua vida como em um tribunal, pelo contrário, sua narrativa é tão fluida que poderia ser contada em uma mesa de bar. Então essa colocação de Darlan traz a percepção divergente na análise que é feita por mim dentro da historiografia e suas características. Apesar de haver grandes contribuições do seu texto, não podemos perder características históricas apenas por análises literárias. Mas trago o autor para pensarmos sobre a importância do historiador e da análise de fonte e, nesse caso, há diversos tipos de análises sobre o livro conforme já foi citado, mas poucas analisadas por historiadores.

Filhos de Eunice Paiva e Rubens Paiva, Marcelo Rubens Paiva e sua irmã Eliana, tiveram sua casa invadida, em 20 de janeiro de 1971. Desde aquele dia, eles nunca mais vieram o pai. A família Paiva é uma de muitas vítimas da Ditadura brasileira e teve, nos anos seguintes, um papel fundamental na luta em favor do reconhecimento de mortos e desaparecidos pelo regime militar, e na luta por justiça em decorrência dos crimes políticos da Ditadura<sup>61</sup>. Sobre o episódio do desaparecimento do pai, Marcelo Rubens Paiva escreve em seu livro:

No dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam pra ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e as empregadas estavam sob mira, um deles, que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita? Nenhuma. Motivo? Só Deus sabe. Quando acordei e vi aqueles homens perguntei pra minha mãe o que era. Ela não respondeu (...).<sup>62</sup> (Marcelo Rubens Paiva. *Feliz ano velho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982, pp. 40-45)

Apesar de trazer à tona esse episódio, os episódios que ganham mais espaço na

<sup>60</sup> DOS SANTOS, D. R. (2006) *Autobiografia e julgamento em Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. p. 55.

<sup>61</sup> De acordo com a Lei dos Desaparecidos Políticos, nº 9.140/95: Art. 1º são reconhecidos como mortos, para todos os efeitos legais, as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em

atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e que, por este motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, deste então, desaparecidas, sem que delas haja notícias.

<sup>62</sup> Marcelo Rubens Paiva. *Feliz ano velho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982, pp. 40-45.

narrativa de *Feliz Ano Velho* são a recuperação do acidente que o deixou tetraplégico. Isso difere de *Ainda Estou Aqui*, no qual os episódios que recebem mais destaque são as memórias de infância de Marcelo e a luta pelo reconhecimento da Lei de Mortos e Desaparecidos. Nesse livro, a ditadura não é o foco principal, mas é mencionada de forma sutil, como um incômodo, nos momentos em que Marcelo se sente mais solitário em sua narrativa.

(...) visitinhas políticas, chegou um telegrama do Leonel Brizola dizendo que iria me visitar. Que coisa. Nunca vira o Brizola na minha vida. Ele tinha acabado de chegar no país, beneficiado pela anistia, e devia estar fazendo contatos políticos, mas quem sou eu para ser um contato político? Ah, sim me lembrei, sou o filho do Rubens Paiva (...).” (PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição de 40 anos, p. 148)

Marcelo menciona o contexto de sua escrita, que foi um período de redemocratização, mas não de forma direta conforme vimos no fragmento acima, em que podemos ter uma noção desse momento político através dessa visita do Brizola. Essa tentativa de omissão é intencional em minha percepção. Ao longo dos 40 anos de *Feliz Ano Velho*, Marcelo deixou claro que não era sua intenção contar a história de seu pai. No entanto, Luiz Travassos sentiu falta dessa narrativa e acreditou que seria importante que Marcelo a incluísse.<sup>63</sup>

Após essa introdução do acidente e da sua recuperação, somos apresentados à história do seu pai em fragmentos. O livro *Feliz Ano Velho* é apresentado para o leitor em 7 capítulos, exceto o prefácio, que foi escrito por Luís Travassos. Capítulo "Biiiiin", "Do Lado de Cá dos Trilhos": Capítulo "UTI - Unidade de Terapia Intensiva": Capítulo "Hospital Paraíso, São Paulo": Capítulo "Apartamento": Capítulo "Um Paulista Chamado Avenida": Capítulo "Início de Dezembro de 1980". Cada capítulo é separado, todavia não obedece a uma escala narrativa de memórias, por exemplo, a história do seu pai e mãe aparece em diferentes capítulos, mesmo não havendo um capítulo específico para eles.

Marcelo Rubens Paiva em sua escrita ficcional traz o leitor para mais perto até o ponto chave da história, mesmo que o autor negue que o livro não é para esse propósito, o dia em questão, em que ele narra a angústia da família dele. O trecho selecionado mostra um momento em que a casa da família é invadida por militares à paisana, e seu pai é levado para prestar depoimento sem qualquer explicação. A partir daí, o autor e sua família se tornam prisioneiros em sua própria casa, com pessoas armadas vigiando-os o tempo todo acredito que Paiva narra a história do acidente, mas em seguida memórias da sua vida, inclusive do dia do fato que ocorreu o desaparecimento do seu pai, pois após o acidente o fato mais importante para aquele jovem era trazer a memória do seu pai à tona. A seguir farei uma análise na narrativa de Paiva: “no começo surgiram pequenos problemas práticos: como abraçar?

---

<sup>63</sup> PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. Edição de 40 anos. Editora Alfaguara. Página 16.

Quando eu estava sentado na cadeira de rodas, era péssimo (...)”<sup>64</sup>.

Nesta narrativa, podemos identificar dificuldades na recuperação no pós acidente, inclusive em questões sexuais. Dessa forma, podemos ter acesso aos medos e anseios da época. Trago a perspectiva que, através da literatura autobiográfica ficcional, podemos destacar pontos na rotina de reelaboração desse segundo trauma, que é o acidente. Novamente voltamos ao dia 20 de janeiro, visto que essas memórias vão e voltam. Nessa passagem, o autor descreve com clareza os momentos que enfrenta, como quando sua mãe e irmã são presas para prestarem depoimento, e quando ele mesmo é enviado para um sítio em Petrópolis para sua própria segurança. O trecho também mostra a dificuldade da família em se comunicar com o mundo exterior e tenta trazer à tona o sofrimento da mãe de Marcelo Rubens Paiva, que é mantida presa por treze dias. Essas informações são narradas no livro *Feliz Ano Velho* de forma detalhada:

“Minha mãe me acorda no dia seguinte e se despede de mim. Ela também tinha que ir, junto com a Eliana (minha irmã de quinze anos). Os caras saíram, trancaram a porta, colocaram minha mãe e irmã no banco traseiro de um fusca azul. E agora? O que fazer?

(...) No dia seguinte, um cara que nunca tinha visto na vida me levou prum sítio em Petrópolis.” (PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 61)

Assim, o autor transmite a sensação de impotência e incerteza que a família viveu naqueles dias, sem saber o motivo da prisão do pai e sem poder fazer nada para ajudá-lo. Essa “sensação” imaginária é transmitida exatamente pelo tipo de linguagem que o escritor escreve, a linguagem ficcional autobiográfica, que acompanha um teor memorialista. A linguagem simples e direta utilizada pelo autor torna a narrativa de fácil acesso ao leitor, apesar de ser uma narrativa ficcional, isso não interfere no contexto vivido e analisado e na sua subjetividade.<sup>65</sup>

“(...) Duas semanas depois, toca o telefone. Minha mãe estava solta. Alívio. Meu pai ainda não. Voltei imediatamente pro Rio e encontrei minha mãe exausta, deitada na sua casa, tava irreconhecível, muito mais magra. Nos abraçamos e choramos. Doze dias numa cela individual foi interrogada várias vezes, sempre com as mesmas perguntas: ideias políticas do meu pai e quem frequentava a nossa casa.” (PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição de 40 anos, p. 93)

Marcelo traz uma narrativa do que aconteceu naquelas duas semanas em que sua mãe foi levada para interrogatório. Nesse período, ele traz a Ditadura como uma memória, a

---

<sup>64</sup> PAIVA, 2023, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 202.

<sup>65</sup> COSTA LIMA, Luiz. Sociedade e discurso ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. Trilogia do controle. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

ausência de um familiar que seria seu pai. Nesse momento, ele mergulha mais profundamente na narrativa do trauma, reexaminando o episódio vivido e narrando ao leitor seus sentimentos naquele momento. Marcelo narra seus sentimentos o tempo inteiro nesse livro, acontece uma determinada situação, o que ele pensou, o que sentiu com isso, como teve que agir, como agiram ao seu redor. Marcelo, em sua narrativa, tenta mostrar ao leitor para além dos fatos concretos, digo, pois o autor não usa nenhuma nota para explicar ou referenciar a história que está sendo contada, algo que se difere de *Ainda Estou Aqui*. Nessa primeira obra ele traz à tona de forma latente os sentimentos vividos naquele período. Um episódio que aparece com recorrência nessa narrativa que se instaurou para contar detalhadamente o fato e o que sucedeu: Marcelo usa letras maiúsculas em afirmações e perguntas. A mulher de Rubens Paiva nunca esteve presa, nem sua filha. Mas, se Rubens Paiva não estava preso, o que seu carro estava fazendo ali? <sup>66</sup>

Em minha percepção, Marcelo usa a escrita em letra maiúscula para incorporar vozes e questionamentos ao momento histórico vivido, destacando assim as declarações feitas por aqueles que levaram seu pai. Ele busca de alguma forma validar sua narrativa, e acredito que essa contínua tentativa de validação, ainda que de maneira indireta, se inicia exatamente quando o estado começa a negar a prisão de seu pai, e só então depois de muita indignação e luta por parte da Eunice, que a história começou a se movimentar para questionamentos até mesmo nos meios jornalísticos, conforme veremos no fragmento retirado do Jornal do Brasil. <sup>67</sup>Marcelo, em seu livro, faz referência a uma publicação de 1978 no Jornal do Brasil, na qual se menciona uma manchete questionando "Quem matou Rubens Paiva?" :

---

<sup>66</sup> PAIVA, 2023, Feliz Ano Velho, edição 34, p. 62.

<sup>67</sup> da Silva Silveira, Éder. "História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico." *MÉTIS: história & cultura* 6.12 (2007).



(1978 no Jornal do Brasil)

Trazer referências jornalistas em sua narrativa aparece para validar a situação vivida por sua família nessa autobiografia ficcional, mas deixou claro que ele apenas menciona essa reportagem e o seu nome, sem referenciar o leitor, cabendo ao leitor de sua obra buscar essas informações de forma mais clara por outros meios. A reportagem foi publicada em um contexto de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), caracterizado pela repressão política, censura à imprensa e violações generalizadas dos direitos humanos. Em 1978, o regime militar ainda estava no poder, mas o país começava a experimentar um processo de abertura política gradual, que foi o contexto de escrita de *Feliz Ano Velho*. Além disso, acredito que essa narrativa é apresentada em seu livro para destacar a maneira como o desaparecimento de seu pai estava sendo abordado pela imprensa naquele período, visto que há uma mudança no tipo de tratamento da mesma sobre o tema, em que, dependendo do jornal, eram publicadas determinadas questões, então trazer essa narrativa nesse momento é validar essa história.

Além dessa narrativa sobre seu pai, a narrativa principal tratava da rotina do hospital, conforme já foi mencionado. Portanto, vejo como didático fazer esse movimento de trazer



essa alternância em análise, na qual ele descrevia detalhadamente cada passo naquele lugar: "Expliquei meu nervosismo. Afinal, era o primeiro dia depois de trinta na UTI. Ele fez uma cara contrariada, mas gentilmente me deu outro sedativo"<sup>68</sup>.

Marcelo fala dos seus amores, é uma narrativa que vem e vai, ela vai em sentido a contar a situação atual naquele momento, que é estar paralisado na cama, e volta com narrativas do seu passado. Marcelo sexualizava enfermeiras, criando situações em sua cabeça, naquele momento paralisado, buscou descontraír e narrar sua descontração na escrita, mostrando até mesmo um comportamento da época desse jovem de classe média, como pude analisar:

"(...) mas o Brasil mudou, e a Marcinha também, depois de ter levado o pé na bunda da Ana, me dediquei pacas ao movimento estudantil. (...)

"tinha coisas obscuras por trás: uma organização de esquerda forte dos anos 70, a ação popular, fiquei entusiasmado, era barra pesada: reuniões secretas, e coisas mais (não seja ridículo)" (PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 124)

"Sou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não mais violonista, e sim deficiente físico...(...) Hoje em dia, me pergunto se preferiria estar morto. Não sei nem quero saber. Só sei, que nas noites que eu tenho insônia, lembro de um garoto normal que subiu numa pedra e gritou: ai Gregor, vou descobrir o tesouro que você escondeu aqui embaixo, seu milionário disfarçado. Pulou com pose de Tio Patinhas, bateu a cabeça no chão e foi aí que ouviu a melodia: biiiiiiiiin. (PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, (p.289.)

Marcelo termina seu livro exatamente onde começou, narrando o mesmo fato em que se lembra antes de saltar da pedra antes de mudar o seu destino tragicamente. Marcelo conta e relembra esses episódios, ora de forma entusiasmada, ora com tristeza, sendo esse episódio do seu pai o mais explicado de maneira aprofundada. Rubens Beyrodt Paiva foi torturado, morto e seus restos mortais nunca foram encontrados. Rubens Beyrodt não era um criminoso, era contra a tortura, lutava contra um regime ilegítimo que desfavorecia a classe trabalhadora, e seus pensamentos, discursos e ações incomodaram a política brasileira da época e o regime do golpe civil-militar, por serem a favor da democracia e da legalidade de um governo que respeitasse o voto da maioria. Sua esposa, Eunice Paiva, foi levada ao DOI CODI<sup>69</sup> do Rio de Janeiro, mesmo local de repressão onde seu marido havia sido morto. Durante treze dias, foi torturada e questionada sobre o paradeiro de outras pessoas que estavam exiladas, mas eram desconhecidas por ela <sup>70</sup>. O único rosto conhecido era o de seu marido. Durante o período em

<sup>68</sup> PAIVA, 1982, *Feliz Ano Velho*, edição 34, p. 103.

<sup>69</sup> Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna foi um órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante a ditadura que se seguiu ao golpe militar de 1964.

<sup>70</sup> Marcelo Rubens Paiva. "Feliz ano velho." São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, pp. 40-45.

que esteve detida na sede do DOI-CODI, no Rio de Janeiro, ainda no ano de 1971, Eunice foi submetida a tortura e maus-tratos pelos agentes do regime militar.

Segundo relatos, Eunice foi espancada, teve seus cabelos cortados e foi submetida a choques elétricos. Apesar de toda a pressão que sofreu durante o período em que esteve detida, Eunice manteve-se firme e não delatou ninguém. Ela foi libertada após doze dias de detenção e permaneceu em silêncio sobre o que havia ocorrido com ela durante todo o tempo em que o regime militar esteve no poder. Rubens Paiva nunca mais foi visto após ter sido levado pelos agentes do regime. Eunice foi solta após doze dias e, trinta anos depois, descobriu que o seu marido teria sido morto no segundo dia de “depoimento”<sup>71</sup>. Um questionamento importante que Marcelo Rubens Paiva levanta diz respeito ao motivo pelo qual teriam deixado sua mãe presa durante todos esses dias, se seu pai já tivesse sido morto.<sup>72</sup> Tais questões aparecem na obra *Feliz Ano Velho*, escrita na década de 80, e, mais tarde, em 2015, voltaram a aparecer em seu livro *Ainda Estou Aqui*. Marcelo reconstrói sua narrativa através das suas memórias e escrita.<sup>73</sup>

Em *Feliz Ano Velho*, as narrativas apresentadas pelo escritor sobre a morte do seu pai giram em torno de questões que ainda não estavam totalmente esclarecidas para a família. Quando escrevia seu primeiro livro, toda a situação era recente e ainda existiam muitas dúvidas sobre o que realmente teria acontecido ao seu pai. Havia, por isso, o sentimento de uma revolta muito grande por parte de Marcelo quando escrevia suas memórias em *Feliz Ano Velho*. Por meio dessa narrativa memorialística, apresentada em sua obra, é possível notar a violência vivida pela família Paiva. Logo em seguida, Eunice Paiva, Marcelo e a irmã Eliana, uma garota de 15 anos, seriam vistos como uma ameaça para o Brasil e para o regime. A narrativa é criada acerca da percepção da vítima criança no regime militar e suas consequências a longo prazo.

A obra *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva, escrita durante um período de abertura política no Brasil (1982-1985), é intrinsecamente conectada ao contexto da redemocratização do país. Nesse período, o Brasil estava saindo de duas décadas de regime militar, e as feridas causadas por esse período autoritário ainda estavam abertas. A narrativa de Paiva em sua obra, sobre a morte de seu pai e as questões não esclarecidas, reflete a atmosfera de incerteza e falta de transparência que caracterizou o regime militar. Isso é particularmente relevante quando a família Paiva se tornou uma "ameaça" para o regime. Essa

---

<sup>71</sup> Marcelo Rubens Paiva. “Feliz ano velho.” São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, pp. 40-45.

<sup>72</sup> Marcelo Rubens Paiva. “Feliz ano velho.” São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, pp. 40-45.

<sup>73</sup> PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

percepção de ameaça é um exemplo dos excessos e arbitrariedades do regime, que visava não apenas os opositores políticos, mas também suas famílias, levando novamente ao episódio que Eunice Paiva e Eliana são levadas e interrogadas.

A escrita do livro durante o processo de redemocratização é crucial pois representa, no meu entendimento, a busca pela justiça e memória. À medida que a sociedade brasileira buscava entender e confrontar seu passado recente, obras como *Feliz Ano Velho* desempenharam um papel na exposição das violações dos direitos humanos e na reivindicação da justiça, exatamente por ser uma autobiografia ficcional do trauma.

Assim, a obra de Marcelo Rubens Paiva, escrita nesse contexto, não apenas lança uma nova narrativa sobre a violência vivenciada pelas famílias vítimas da ditadura, mas também se torna um documento importante para a compreensão do período de transição democrática no Brasil. Ela demonstra a coragem de falar sobre a Ditadura e a busca por uma responsabilização do estado, contribuindo mesmo que de forma indireta para o processo de redemocratização e o fortalecimento da democracia no país. Portanto, *Feliz Ano Velho* é uma obra que está intrinsecamente ligada ao processo de redemocratização do Brasil e à construção de uma sociedade democrática<sup>74</sup>.

A questão da preservação da memória política é um tema importante e recorrente no campo da história e das ciências sociais. No entanto, a memória pode ser um terreno disputado, pois nem sempre há consenso sobre o que deve ser lembrado e como deve ser lembrado. No caso específico do Brasil, a questão da memória política do período da Ditadura Militar é um exemplo de como a lembrança pode ser silenciada ou negada por diferentes grupos políticos<sup>75</sup>.

Durante os primeiros anos após o fim da Ditadura, houve uma tendência a abandonar os traumas e as feridas desse período, em nome de uma suposta pacificação e conseqüente reconciliação nacional. A escrita de Marcelo em *Feliz Ano Velho* vai contra esse movimento. Isso se refletiu na falta de investigação e punição aos responsáveis pelos crimes cometidos, bem como na falta de políticas públicas para reparar as vítimas da Ditadura. Somente a partir dos anos 1990 é que a memória política do período da Ditadura começou a ser mais discutida

---

<sup>74</sup> de Freitas, Geraldo Houly Lelis. "O papel da "memória involuntária" em Walter Benjamin para o historiador." *Revista Labirinto (UNIR)* 23 (2015): 157-171.

Owerney, Valdenora de Oliveira Rufino. "A QUESTÃO NABILEQUE E AS FONTES EM ARQUIVOS MILITARES: METODOLOGIAS E ANÁLISE DAS FONTES COM BASE NO CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA DE HISTORIADORES EM INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS." *PESQUISA & EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA* 8 (2021).

<sup>75</sup> Khoury, Yara Aun – Introdução : Outras histórias, memórias e linguagens. IN: Almeida , P.R. ET alii; Outras histórias, memórias e linguagens, Editora Olho D'água, S. P. 2006.

e abordada, com a criação das comissões da verdade, ações judiciais e a produção de livros, filmes e outras manifestações culturais que trazem à tona as violações de direitos humanos cometidas durante esse período<sup>76</sup>.

Porém, mesmo hoje em dia, há grupos de extrema direita que defendem a negação da memória política e a manutenção do esquecimento em torno do processo histórico envolvido na vigência do regime. Esses grupos são geralmente associados a setores conservadores da sociedade e a grupos militares que ainda defendem os princípios da ditadura.

*Feliz Ano Velho* termina com a necessidade do governo de trazer à tona o reconhecimento de mortes e desaparecidos pelo regime, termina com um pedido de justiça, assim como na parte pessoal do acidente, termina na esperança de recuperação dos movimentos das pernas e fé na recuperação, somos adestrados a ver melhorias nos movimentos de Paiva, onde o mesmo já se senta, e faz fisioterapia, todavia não voltará a andar mais.

#### **1.4. A autobiografia e a ficção**

Desde o surgimento da literatura autobiográfica, a questão da relação entre a autobiografia e a ficção tem sido objeto de intensa discussão. Enquanto alguns críticos argumentam que a autobiografia deve ser vista como um gênero literário distinto da ficção, outros defendem que a distinção entre a autobiografia e a ficção é muitas vezes tênue e subjetiva. A literatura autobiográfica tem sido frequentemente associada à ideia de autenticidade e veracidade, uma vez que se baseia na experiência pessoal do autor. Dessa forma, muitos críticos argumentam que a autobiografia deve ser vista como um gênero literário distinto da ficção, uma vez que a ficção é baseada em eventos imaginários ou inventados. No entanto, essa visão da autobiografia como um gênero literário distinto da ficção tem sido criticada por alguns estudiosos. Uma das críticas mais comuns é que a distinção entre a autobiografia e a ficção é muitas vezes subjetiva e depende do autor e do leitor. Além disso, muitos autores autobiográficos utilizam técnicas literárias para dar forma à sua narrativa, o que pode fazer com que a autobiografia se assemelhe à ficção.<sup>77</sup>

Uma abordagem alternativa à relação entre a autobiografia e a ficção é a ideia de que a autobiografia pode ser vista como uma forma de performance ficcional. De acordo com essa abordagem, a escrita autobiográfica é uma performance que envolve a construção de uma

<sup>76</sup> Quinalha, Renan Honório. "Com quantos lados se faz uma verdade? Notas sobre a Comissão Nacional da Verdade e a "teoria dos dois demônios"." *Revista Jurídica da Presidência* 15.105 (2013): 181-204.

<sup>77</sup> Disponível em : Introdução: Saberes da literatura | Étienne Anheim e Antoine Lilti Tradução: Alexandre Avelar

narrativa pessoal que é moldada por uma série de fatores, como o contexto social, cultural e histórico em que o autor está inserido. Essa visão da autobiografia como performance ficcional tem sido defendida por vários estudiosos, incluindo Philippe Lejeune, em o pacto da autobiografia<sup>78</sup>. De acordo com Lejeune, a autobiografia é uma forma de representação de si que envolve a construção de uma persona narrativa que é distinta do eu biográfico do autor. Já Klinger argumenta que a escrita de si é uma forma de arte que envolve elementos como a linguagem, o corpo e as emoções, e que pode ser vista como uma performance que se desdobra no tempo e no espaço. Essa abordagem da autobiografia como performance ficcional oferece uma maneira interessante de entender a relação entre a autobiografia e a ficção, uma vez que sugere que ambas são formas de expressão que envolvem a construção de uma narrativa pessoal e subjetiva<sup>79</sup>.

Na literatura contemporânea, a relação entre a autobiografia e a ficção tem se tornado cada vez mais complexa e ambígua. Muitos autores contemporâneos utilizam técnicas literárias para dar forma à sua narrativa autobiográfica, o que pode tornar difícil a distinção entre a autobiografia e a ficção. Além disso, alguns autores contemporâneos têm explorado essa relação entre o ficcional e o autobiográfico de maneiras criativas e inovadoras. Em *Austerlitz*, de W. G. Sebald, o autor utiliza técnicas literárias para criar uma narrativa autobiográfica que se assemelha a um romance, com personagens ficcionais e eventos imaginários.<sup>80</sup> Esses exemplos demonstram como a relação entre a autobiografia e a ficção pode ser complexa e ambígua na literatura contemporânea. Ao mesmo tempo, essa ambiguidade também oferece aos autores uma ampla gama de possibilidades criativas, permitindo que eles explorem a natureza subjetiva da memória e da identidade de maneiras inovadoras e desafiadoras. Dessa forma, a relação com a ficção tem sido objeto de intensa discussão ao longo da história da literatura autobiográfica<sup>81</sup>.

O texto "O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea", de Anna Faedrich, apresenta uma análise crítica e historiográfica importante para compreender a evolução do conceito de autoficção na literatura contemporânea

---

<sup>78</sup> Pace, Ana Amelia Barros Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. Diss. Universidade de São Paulo, 2012.

<sup>79</sup> MARTINS, Anna Faedrich. *Autoficções : do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. 2014. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.p 11-59.

<sup>80</sup> NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Editor). *Ensaio Sobre a Autoficção*. Editora UFMG, 1 de janeiro de 2014.

<sup>81</sup> Fenelon , Dea et Alii- *Introdução: muitas memórias, outras histórias* In; *Muitas Memórias, outras histórias*, editora Olho D'água, SP. 2004.

brasileira. A primeira parte do texto é dedicada a fazer uma revisão histórica do surgimento do termo "autoficção" e suas implicações na literatura. A autora destaca que o termo foi criado por Serge Doubrovsky em seu livro *Fils* (1977)<sup>82</sup>, mas que a prática de escrever sobre si mesmo na literatura é anterior a essa definição. Partindo deste ponto, a autora faz uma análise das diferentes formas de autoficção, mostrando que ela pode se manifestar de diversas maneiras, desde a narrativa autobiográfica até a ficção que se baseia em fatos. Em seguida, a autora se dedica a explorar como a autoficção se manifesta na literatura brasileira contemporânea. Ela destaca autores como Bernardo Carvalho, Cristovão Tezza, Chico Buarque e João Gilberto Noll, entre outros, como importantes representantes do gênero no Brasil.

A análise de Faedrich mostra como a autoficção é uma prática literária complexa, que pode se manifestar de diversas maneiras e possui uma longa tradição na literatura. Além disso, a autora contribui com um levantamento de autores e obras, mostrando como a autoficção se manifesta de forma variada na literatura brasileira contemporânea. No entanto, uma crítica que pode ser feita ao texto é que ele se limita a uma abordagem mais descritiva do gênero, sem aprofundar-se em questões teóricas e críticas que possam ajudar a entender melhor as implicações da autoficção na literatura e na sociedade. Além disso, a autora não apresenta muitas referências de autores e teóricos que tenham discutido o conceito de autoficção em outros contextos, o que poderia ajudar a ampliar o debate. A escrita de si como performance é uma abordagem historiográfica relativamente recente, que tem como objetivo analisar as narrativas autobiográficas como performances que são construídas e realizadas por indivíduos em contextos específicos. Diana Klinger, uma das principais estudiosas dessa abordagem, argumenta que a escrita de si é uma forma de expressão que pode ser analisada como uma performance que se desdobra no tempo, no espaço e nas relações sociais em que se insere<sup>83</sup>. Essa abordagem parte do pressuposto de que a escrita de si não é um mero registro de eventos passados, mas sim uma forma de autoexpressão que se constrói em relação aos contextos em que ocorre. Assim, a escrita de si como performance pode ser vista como uma forma de arte que é realizada por meio da escrita, mas que também envolve elementos como a linguagem, o corpo e as emoções<sup>84</sup>.

Uma das principais contribuições da abordagem da escrita de si na contribuição para

---

<sup>82</sup> NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Editor). *Ensaio Sobre a Autoficção*. Editora UFMG, 1 de janeiro de 2014.

<sup>83</sup> DIANA KLINGER. *Escritas de Si, Escritas do Outro: O Retorno do Autor e a Virada Etnográfica*. [7 Letras; 3ª edição (1 janeiro 2016)]

<sup>84</sup> Angela Maria de Castro Gomes, *Escrita de si, escrita da história* (Editora FGV (25 junho 2004)), página 7-15

pensar paralelamente *Feliz Ano Velho* é sua capacidade de iluminar a relação entre a escrita de si e a construção da identidade. Ao analisar as narrativas autobiográficas como performances, é possível perceber como os indivíduos se apropriam das normas sociais e culturais para construir suas identidades. Além disso, a abordagem da escrita de si como performance também destaca a dimensão relacional da construção da identidade, uma vez que as performances são realizadas em relação a um público que pode ser real ou imaginário.<sup>85</sup>

Outra contribuição importante da abordagem da escrita de si como performance é sua capacidade de analisar as narrativas autobiográficas como documentos históricos que podem ser usados para entender os processos sociais e culturais. Isso porque, ao ver a escrita de si como uma performance, é possível analisar como as normas culturais e sociais influenciaram a maneira como os indivíduos se construíram e se apresentaram para o mundo<sup>86</sup>. No entanto, é importante notar que a abordagem da escrita de si como performance também tem sido criticada por alguns historiadores.

A autobiografia é um caminho para a conversão do “eu” em um “eu – reflexivo”. Assim como nos propôs Paul Ricoeur, quando o “eu” encontra-se por um possível “si – mesmo” que narra a própria história para si, mas também para outros. Ele narra da maneira que considera melhor, enquadrada e singular, mas isso na busca por uma identidade digna de ser narrada, tornando-se pela narrativa um indivíduo digno de ser lembrado por uma história a ser contada<sup>87</sup>.

Alguns argumentam que essa abordagem tende a enfatizar a dimensão individual da construção da identidade, em detrimento das estruturas sociais e culturais mais amplas que moldam a vida dos indivíduos. Além disso, alguns historiadores argumentam que a abordagem da escrita de si como performance pode levar a uma análise excessivamente subjetiva das narrativas autobiográficas, deixando de lado questões mais amplas relacionadas à história e à sociedade<sup>88</sup>.

Dessa forma, a abordagem da escrita de si como performance é uma perspectiva historiográfica que pode ser usada para analisar as narrativas autobiográficas como performances que são construídas e realizadas por indivíduos em contextos específicos, como nesse caso, o contexto do pós trauma. Embora tenha suas limitações, essa abordagem oferece uma maneira de entender a relação entre a escrita de si, a construção da identidade e os

---

<sup>85</sup> DIANA KLINGER. Escritas de Si, Escritas do Outro: O Retorno do Autor e a Virada Etnográfica. [7 Letras; 3ª edição (1 janeiro 2016)

<sup>86</sup> SADER, Eder. Quando os novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

<sup>87</sup> NOGUEIRA, R. W. P. 2016. Historiadores de si: memória e narrativa autobiográfica. Revista Sobre Ontens. p. 5.

<sup>88</sup> Angela Maria de Castro Gomes, *Escrita de si, escrita da história* (Editora FGV (25 junho 2004)), pp,7-15.

processos sociais e culturais que moldam a vida dos indivíduos. A autobiografia não pode ser confinada à intimidade, ao eu em si, somente e apenas, mas também, embora não o tenha como central, o social é um pano de fundo inerente aos sujeitos autobiógrafos, que sombreia as relações daquele que se olha no espelho e projeta-se no papel<sup>89</sup>.

Dito isso, é importante destacar que o livro de Marcelo Rubens Paiva foi publicado em um momento de transição na história do Brasil, na abertura política que se inicia na década de 80, depois de quase 20 anos da instauração do regime militar. A ditadura que havia governado o país desde 1964 começava a se enfraquecer, e a sociedade civil se mobiliza cada vez mais em busca de liberdade e democracia<sup>90</sup>. Esse contexto histórico influenciou a produção literária da época, incluindo *Feliz Ano Velho*. O livro também aborda questões políticas e sociais, fazendo referência ao momento de repressão e violência vivido pelo país durante a ditadura militar. Rubens Paiva faz uma crítica à censura e à falta de liberdade de expressão, mencionando a morte do pai, o deputado Rubens Paiva, que foi torturado e morto pelos militares em 1971<sup>91</sup>. A análise de *Feliz Ano Velho* e seu contexto de produção permite compreender a obra como um interlocutor da época em que foi escrita. O livro é um testemunho pessoal e ao mesmo tempo coletivo, que retrata as dificuldades e os desafios enfrentados pela sociedade brasileira em um momento de transição e luta pela democracia. A narrativa de Rubens Paiva é um exemplo da importância da literatura como forma de resistência e expressão em tempos de repressão e violência.

Em *Feliz Ano Velho*, Marcelo Rubens Paiva utiliza a sua própria experiência como vítima da violência do Estado para denunciar a brutalidade da Ditadura Militar no Brasil. Por meio da autobiografia ficcional ele conta a sua história e a história de sua família, tornando-a uma forma de resistência e de manutenção da memória. Da mesma forma, em *Ainda Estou Aqui*, publicado em 2015, ele fará uma reflexão sobre a importância da memória e da luta pela justiça. A literatura como forma de denúncia e de manutenção da memória é um recurso que se tornou cada vez mais utilizado, principalmente em contextos de violações de direitos humanos e de governos autoritários. É uma forma de dar protagonismo às vítimas e de expor a violência perpetrada pelo Estado. A história é contada a partir de uma perspectiva pessoal, o que torna o relato mais vivo. Além disso, a literatura é uma forma de manter viva a memória das vítimas e de manter a luta por justiça. Ao contar a sua história e a história de sua família,

---

<sup>89</sup> NOGUEIRA, R. W. P. 2016. Historiadores de si: memória e narrativa autobiográfica. Revista Sobre Ontens. p. 6.

<sup>90</sup> ZAVERUCHA, Jorge. Relações civil-militares: o legado autoritário da constituição brasileira de 1988. In: TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (orgs.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>91</sup>



Marcelo Rubens Paiva mantém em discussão a memória do seu pai.

A democracia foi conquistada através da luta política de pessoas como o deputado Rubens Paiva, que se posicionaram sobre o regime, defendendo o direito ao voto. Parte da população, engajada nos projetos políticos conservadores, acreditava que após o golpe civil militar não haveria mais desemprego e corrupção. Acoravam-se no imaginário em torno de uma suposta ameaça comunista contra a classe média alta, que representava uma ameaça ao estilo de vida confortável vivido por aquelas pessoas em contrapartida ao desfavorecimento da classe trabalhadora. No entanto, é sabido que o regime causaria danos irreparáveis à economia, à liberdade e aos direitos humanos. Danos ignorados no texto da Lei da Anistia<sup>92</sup>, que cobria rastros de torturadores e, sobretudo, pessoas que foram beneficiadas por este regime. Farei uma breve apresentação dessa figura importante no livro de Marcelo Rubens Paiva; ele foi um importante deputado federal brasileiro, que teve uma participação ativa na vida política do país durante a década de 1960. Ele era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e lutava por uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, suas ideias e posições políticas eram vistas como uma ameaça pelo regime militar que governava o Brasil na época:

Meus patrícios me dirijo especialmente a todos os trabalhadores, a todos os estudantes, e a todo povo de São Paulo, tão infelicitando por esse governo fascista e golpista, que neste momento vem traindo o seu mandato e se pondo ao lado das forças da reação, desejo conclamar todos os trabalhadores de São Paulo, todos os trabalhadores proutuários e metalúrgicos da baixada santista [...]<sup>93</sup>.

Em discurso, Rubens Paiva denuncia um governo "fascista e golpista" que está traindo seu mandato e se pondo ao lado das forças da reação. Ele conclama os trabalhadores e estudantes a se unirem em greve geral em solidariedade à legalidade que representa o presidente João Goulart, que tomou medidas que levariam à emancipação política e econômica definitiva do país. O deputado reconhece que essas medidas prejudicaram uma pequena minoria com grande poder econômico, mas afirma que elas são necessárias para o bem do país como um todo. Essa situação reflete a importância, para Rubens Paiva, da participação política e da mobilização popular na defesa dos direitos e interesses coletivos.

---

<sup>92</sup> Lei nº 6.683 Art. 1º É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos servidores dos poderes legislativo e judiciário, aos militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em atos institucionais e complementares.

<sup>93</sup> Discurso de Rubens Paiva no Comício da Central do Brasil em 13 de março de 1964. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FmYQ\\_kGruLg](https://www.youtube.com/watch?v=FmYQ_kGruLg). Acesso em: 07 de abril de 2023.

Através da figura do seu pai, Marcelo incorpora essa luta e critica o período. No fragmento acima, o deputado faz um apelo à solidariedade entre os trabalhadores e estudantes, reconhecendo que somente a união de forças poderá garantir a efetivação de mudanças sociais e políticas. A referência à legalidade e à figura do presidente João Goulart sugere que o discurso tenha sido proferido durante um período de crise política no Brasil, possivelmente durante o governo de Jango, que foi deposto por um golpe militar em 1964. Essa situação destaca a importância da linguagem política e do discurso na mobilização popular, como apresentado no livro. O deputado utiliza uma retórica convincente e emotiva para convocar os trabalhadores e estudantes a se unirem em torno de uma causa comum. A utilização de palavras como "fascista", "golpista" e "legalidade" indica uma polarização política forte e a necessidade de se posicionar claramente em relação aos acontecimentos políticos do momento. A referência à "pequena minoria" que detém o poder econômico sugere uma crítica à desigualdade social e econômica do país, o que pode ter sido uma das razões que levaram ao aumento da mobilização popular na época

Logo no primeiro dia em que foi instaurado o golpe, Rubens se posicionou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro com um discurso que chamava trabalhadores, estudantes e a população brasileira em geral para uma greve em prol da democracia e da legalidade do mandato do presidente João Goulart<sup>94</sup>. Em consequência disso, como muitos de seus colegas vinculados ao presidente deposto, foi cassado e perdeu seus direitos políticos, tendo que permanecer alguns meses exilado na Iugoslávia. Regressando ao país, devido a essa postura de inconformidade frente à situação repressiva do regime vigente, os militares de inteligência e combate à oposição passaram a monitorá-lo.

Por outro lado, Eunice Paiva teve protagonismo importante na luta pelo desaparecimento de seu marido, Rubens. Luta que se iniciou desde o ano de 1971, no momento em que foi solta do interrogatório do DOI-CODI, até sua morte, em 2018. Todavia em *Feliz Ano Velho*, não se torna uma protagonista, mas sim Marcelo e o seu pai.

A documentação que fala sobre questões relacionadas ao deputado Rubens Paiva foi encontrada nas mãos do torturador Coronel Paulo Malhães, em 2004<sup>95</sup>. Paulo Malhães teria informado vários casos em que teria participado, entre eles o de Rubens Paiva. A documentação detalha o que supostamente teria acontecido entre aqueles dois dias de torturas

---

<sup>94</sup>João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como Jango, foi um advogado e político brasileiro, 24.º presidente do Brasil, de 1961 a 1964. Antes disso, também foi o 14.º vice-presidente do Brasil, de 1956 a 1961, durante os governos dos presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros.

<sup>95</sup> Paulo Malhães foi um militar brasileiro, tenente-coronel reformado do Exército Brasileiro, torturador e assassino confesso de dissidentes políticos durante a ditadura militar brasileira.

e, em seguida, o homicídio de Rubens Paiva. Após algumas informações que foram repassadas para a comissão da verdade, referente ao caso Rubens Paiva, houve uma queima de arquivo: o Coronel foi encontrado morto após um mês do testemunho para a comissão. Acredito que seja importante dar destaque à naturalidade presente no depoimento de Paulo Malhães referente à casa de tortura. Em seus depoimentos, Paulo Malhães é questionado sobre a possibilidade de haver arrependimento em relação às mortes causadas e às torturas, ao que justifica reafirmando que a tortura acontecia em prol de uma suposta verdade e do combate do “inimigo”. Rubens Paiva não era um guerrilheiro, nunca idealizou a sua luta política como uma luta com armas, mas sim uma luta por ideologia e liberdade de expressão. Marcelo Rubens Paiva escreve sua história e escreve a história do seu pai, de maneira divergente à apresentada pelos militares em período anterior à comissão da verdade. “Os diferentes aspectos da escritura de si, – sujeito, autor, representação, memória, experiência, verdade, responsabilidade – são permanentemente reformulados na busca de respostas ante as experiências dilacerantes da história”<sup>96</sup>.

A escrita da história de Marcelo Rubens Paiva através da autobiografia, vem contar uma história, mas também fazer uma denúncia e uma indagação sobre a situação vivida pelos envolvidos. A autobiografia se tornou uma forma de escrita para aqueles que viam a necessidade de narrar suas experiências e vivências pessoais que considerassem relevantes, ou fora do comum, e nessa autobiografia do escritor Marcelo Rubens Paiva, é possível notar a presença da busca por respostas por meio de sua escrita. Há um diálogo com o leitor a partir de questionamentos sobre a política brasileira e sobre o desaparecimento de Rubens Paiva. E esse diálogo não se encerra neste livro. *Feliz Ano Velho* ganha um encerramento com a recuperação de Marcelo de alguns movimentos e de conquistas enfrentadas pelo escritor: a conquista de poder sentar-se, ler jornal, dormir melhor. Sua recuperação é feita através da fisioterapia e, naquele livro, sua história terminaria ali, com uma incerteza sobre o futuro. Marcelo, no entanto, continuaria, nessa nova condição de pessoa com deficiência, com as incertezas sobre uma justiça e sem respostas para sua angústia e de sua família.

Pular no lago bêbado que o deixaria na cadeira de rodas foi uma escolha do Marcelo, com a qual ele lida todos os dias. Ter seu pai morto, torturado, dado como morto, e depois ver sendo apresentadas tantas versões sobre o paradeiro dele, foi uma escolha feita por agentes da repressão:

Foram dez meses de vértebra em frangalhos, usando aquele colete de ferro, e mais um

---

<sup>96</sup> GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecilia; KANZEPOLSKY Adriana; IZARRA, Laura. Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Editora Fapesp, 2009, p. 7.

mês de espera de vaga na BBB. Um ano em que tive uma certeza: minha vida mudou pacas. Sou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não mais violonista, e sim deficiente físico. Ganhei algumas cicatrizes pelo corpo, fiquei mais magro e agora uso barba [...]. Não sou modelo para nada. Não sou herói, sou apenas vítima do destino, dentre milhões de destinos que nós não escolhemos<sup>97</sup>.

*Feliz ano velho* termina com a vida de Marcelo totalmente diferente de quando começou a escrita do livro. Assim, o autor narra o sentimento de incerteza e de mudança, deixando algumas lacunas sobre o desaparecimento do seu pai, preenchidas no seu livro lançado décadas depois: *Ainda Estou Aqui*.

---

<sup>97</sup> PAIVA, 1982, p. 231

## 2 - Capítulo II - Vivendo o passado: Reflexões sobre memória em: *Ainda estou aqui*

“[...] *E onde queres tortura, mansidão  
Onde queres um lar, revolução  
E onde queres bandido, sou herói...*”  
(O querer) Canção de Caetano Veloso

*Ainda estou aqui* é uma obra autobiográfica ficcional do trauma, escrita e publicada em 2015, pelo escritor Marcelo Rubens Paiva. A obra trata das memórias da infância e vida adulta do autor, de modo que o enfoque do seu relato é trazer à tona a narrativa e protagonismo da sua mãe, Eunice Paiva, na luta pela memória e reconhecimento da morte do seu pai<sup>98</sup>: “Eu tinha uma mãe perdendo a memória, a memória do meu pai sendo resgatada, e o meu filho nascendo, criando uma memória, aí falei: isso dá um livro”<sup>99</sup>.

Em 2015, assim como é mencionado pelo escritor em sua narrativa de apresentação do livro na plataforma do Youtube, houve grandes descobertas e revelações da história do desaparecimento do seu pai, assim como o nascimento do seu filho e a perda de memória da sua mãe, que estava em um estado avançado da doença Alzheimer. Dessa forma, o escritor se vê diante da necessidade de narrar essas memórias e resgatar memórias da sua família, passando pelo desejo de discutir o período histórico da ditadura a partir dos relatos familiares de desaparecidos e assassinados após o golpe civil militar de 1964<sup>100</sup>: “*Ainda estou aqui*, é como... um pouco um grito de... calma lá gente, vocês estão pedindo a volta à ditadura, eu vou contar para vocês, o que foi a ditadura, vocês não tem noção...”<sup>101</sup>.

Para além de trazer à tona narrativas e memórias do passado, que estavam surgindo e sumindo ao mesmo tempo em sua vida, o escritor se pauta em um tipo de documentação recente sobre o caso. Diferentemente de *Feliz ano velho*, o autor Paiva investiga e resgata para os seus leitores informações novas sobre o caso, em um tom investigativo e ressignificado

---

<sup>98</sup> UTZERI, F.; DIAS, H. 1978. Quem matou Rubens Paiva? Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1978. Jornal do Brasil.

<sup>99</sup> Título do vídeo: Apresentação do livro "Ainda estou aqui" por Marcelo Rubens Paiva URL do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=lvM8viBxkrw>

<sup>100</sup> TELES, J. A. Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 253-298

<sup>101</sup> Título do vídeo: Apresentação do livro "Ainda estou aqui" por Marcelo Rubens Paiva. URL do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=lvM8viBxkrw>

dessa memória e luto. Podemos notar isso através de leis, que são incorporadas em seu texto com bastante frequência, como podemos perceber no fragmento abaixo:

Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995. Artigo 1º São reconhecidas como mortas, para todos os efeitos legais, as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de dezembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e que por esse motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se desde então desaparecidas, sem que elas delas haja notícias<sup>102</sup>.

O objetivo deste capítulo é analisar autobiografias e livros de memória como testemunhos e fontes históricas. Busco compreender como Marcelo Rubens Paiva, em 2015, retorna ao tema, escrevendo e reelaborando suas memórias, agora a partir da figura da mãe, e o passado da família na ditadura. Para isso, pretendo comparar as obras e as memórias sobre a ditadura e família escritas por Marcelo Rubens Paiva. Tenho o propósito de compreender como, em 2015, em meio às discussões sobre a Comissão da Verdade, Marcelo Rubens Paiva desejou intervir na sociedade por meio de seus escritos.

A escolha do título do livro *Ainda estou aqui* pode sugerir uma continuidade ou uma conexão com o livro anterior, *Feliz ano velho*, publicado no ano de 1982 por Marcelo Rubens Paiva. Ademais, a palavra "Ainda" parece indicar que, apesar das mudanças no contexto histórico e social, a voz do autor persiste, mantendo um diálogo com o passado e continuando a explorar temas pessoais e sociais. Aliado a isso, o uso da expressão "estou aqui" dá indícios da continuidade da voz literária do autor. Pois, mais uma vez, Paiva narra suas memórias a respeito de um episódio histórico. Então, essa voz literária a qual me refiro está presente nas memórias que aparecem e são expostas em momentos significativos da história brasileira, como o período de redemocratização e o período de manifestações pró-ditadura realizadas sob a justificativa de rever o aumento da passagem de ônibus<sup>103</sup>.

O Brasil de *Ainda Estou Aqui* é um país marcado por controvérsias e opiniões

---

<sup>102</sup> BRASIL, República Federativa do. Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995. Apud PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Alfaguara, 2015, p. 39.

<sup>103</sup> GRANJEIRO, G. L. "O Crescimento da Extrema Direita e das Manifestações Antidemocráticas pela volta do Regime Civil-Militar no Brasil (2013-2020)." In.: *Anais do 31º Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais>. Acesso em: 01/11/2023. BERGER, Christa. "Aos que defendem a volta da ditadura": reportagem da atualidade esclarece o passado. In.: *Anais do I Congresso Internacional de Periodismo (ACTAS) - Convergências mediáticas y nueva narrativa latino-americana*. Quito, Equador. 2017, p. 209. COELHO, Helder Marques Sousa. "As tentativas de enquadramento da memória coletiva sobre a ditadura militar no Brasil." In.: *Anais do XX Congresso Metodista de Iniciação e Produção Científica e XX Seminário de Extensão*. São Paulo: Escola de Comunicação, Educação e Humanidades. 2018. HARVEY, David, et al. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo Editorial, 2015.

abstratas em relação à revisitação e à existência da Lei da Anistia<sup>104</sup>. Afirmo isso devido à existência de opiniões que consideram insignificante a revista da lei e até mesmo manifestações culturais que trazem à tona assuntos como a ditadura e a memória, temas centrais no segundo livro de Paiva. O Brasil de *Ainda estou aqui* é marcado por pedidos de intervenção militar<sup>105</sup>. A herança da ditadura se dá, dessa forma, na promulgação da lei da anistia, bem como da impunidade inerente a ela. Assim, a investigação teórica aqui pretendida é realizada acerca das fontes primárias e secundárias que se desdobram a partir da obra de Marcelo Rubens Paiva.

Pensando nisso, é interessante pontuar que a leitura de Paiva acerca do momento histórico de escrita de seu segundo livro – compartilhada pela interpretação realizada neste trabalho – é de que uma parcela significativa da população parece não saber do que se trata a lei. Assim, acredita-se que é possível analisar as origens desse desconhecimento. Quem é favorecido com o desconhecimento da população a respeito da lei e quais são os impactos disso na sociedade brasileira? Como a Lei da Anistia é lembrada e interpretada na memória coletiva do país? Qual foi o impacto a longo prazo da Lei da Anistia na justiça transicional e nos esforços para lidar com as violações de direitos humanos cometidas no passado? Essas são algumas perguntas que guiaram a escrita do segundo capítulo, por serem possíveis de serem pensadas a partir da narrativa presente no livro *Ainda estou aqui*, uma vez que são exploradas no livro, junto às memórias de Marcelo Rubens Paiva e de sua mãe, Eunice<sup>106</sup>.

## **2.1 Entre aqueles que já estudaram a obra: *Ainda estou aqui***

---

<sup>104</sup> ABRÃO, P. A Lei de Anistia no Brasil: As alternativas para a verdade e a justiça. *Acervo*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 119–138, 2012. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/373>. LEMOS, Renato. Anistia e crise política no Brasil pós-1964. In.: *Topoi*. Rio de Janeiro, 2002. VENTURA, Deisy. A interpretação judicial da Lei de Anistia brasileira e o direito internacional. In.: *Revista anistia política e justiça de transição*, 2010. SANTOS, Danielle Rocha. *A responsabilidade internacional do Brasil por violação de Direitos Humanos: a lei de anistia segundo o Supremo Tribunal Federal e a Corte Interamericana de Direitos Humanos*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

Casiraghi, Francine Rosa. "Análise acerca da (in) convencionalidade da lei da anistia." (2021).

<sup>105</sup> "Art. 1º É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm). Acesso em: 20/09/2023.

<sup>106</sup> TELES, Janaina de Almeida. As disputas pela interpretação da lei da anistia de 1979. In.: *Ideias*, 2010. ROESLER, Claudia Rosane; SENRA, Laura Carneiro de Mello. Lei de Anistia e Justiça de Transição: a releitura da ADPF 153 sob o viés argumentativo e principiológico. In.: *Sequência*, Florianópolis, 2012. SOUSA, Arnaldo Vieira. LEI DA ANISTIA: o direito entre memória e esquecimento. In.: *Cadernos UNDB, São Luís*, 2014. ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. Mutações do conceito de anistia na justiça de transição brasileira. In.: *Revista de Direito Brasileira*, 2012.

Para dar início ao debate proposto para este capítulo, faço um diálogo com Tásia Oliveira Souza, a partir de sua tese, intitulada: *O trágico e os mortos sem sepultura da ditadura civil-militar brasileira: K., Ainda estou aqui e Antes do passado*. Nesse trabalho, a autora faz uma análise, partindo da área da linguística, entre dois livros de memória. É interessante observar que a narrativa do livro *Ainda estou aqui* circula por diversos campos das ciências humanas, um dos quais é a área das letras, como podemos ver na tese de Souza. Além disso, percebo que o campo em que essa narrativa é mais frequentemente analisada é, propriamente, o da linguística<sup>107</sup>. Nesse sentido, a autora realiza uma discussão sobre os sentidos das memórias e traz uma citação que acredito ser relevante para refletir sobre a forma como a memória está sendo reelaborada em *Ainda estou aqui*:

Doubrovsky tinha provavelmente em mente aquela acepção, bem ampla, da palavra 'fiction' nos Estados Unidos. Mas, posteriormente, ele justificará o emprego da palavra por sua etimologia. O verbo latino  *fingere*  significava de fato 'afeiçoar, fabricar, modelar'. O *fictor* era La 97 alguém que dava feição: o oleiro, o escultor, e depois, por extensão, o poeta, o autor. Não se tratava de uma simples brincadeira com as palavras. O conceito de autoficção teve inicialmente como base uma ontologia e uma ética da escrita do eu. Ele postulava que não é possível se contar sem construir um personagem para si, sem elaborar um roteiro, sem feição' a uma história. Postulava que não existe narrativa retrospectiva sem seleção, amplificação, reconstrução, invenção (NORONHA apud SOUZA, 2014, p. 187)

Com isso a autora discute a origem da palavra "fiction" e seu uso na autoficção. Ela argumenta que a autoficção envolve a criação de um personagem e a construção de uma narrativa, baseando-se na etimologia do termo "fiction". Além disso, a autora aborda a importância da seleção, amplificação, reconstrução e invenção na escrita do eu. Ela sugere que a autoficção é baseada em uma ontologia e ética da escrita do eu, destacando a necessidade de construir uma história pessoal.

Essa criação pode ser interpretada como uma forma de "fingir" ou "modelar" a realidade, o que, por sua vez, gera a necessidade de construir um personagem que represente o autor, nesse caso em específico o autor Marcelo Rubens Paiva. Afinal, Paiva estaria fazendo história ao escrever sobre essas memórias, mesmo essa autobiografia sendo ficcional. Quando nos referimos a história oral, assim como a memória como uma fonte, sabemos os riscos de analisarmos e encontrarmos esse tipo de dinâmica na narrativa. Em 2015, houve movimento parecido com o que havia acontecido em 1985. Assim, Paiva se movimenta na tentativa da

---

<sup>107</sup> SOUZA, Tásia Oliveira. *O trágico e os mortos sem sepultura da ditadura civil-militar brasileira: K, ainda estou aqui e antes do passado*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.



intervenção na sociedade brasileira por meio das suas narrativas, e vivências pessoais sobre a ditadura<sup>108</sup>: “O que vemos não é bem o que vemos. por isso, como muitos, escrevo o que já escrevi”<sup>109</sup>.

Percebo em Paiva a figura do herói, daquele que traz uma iluminação para aquela sociedade desprovida de conhecimento, ou de informação sobre um determinado tema, nesse caso, as memórias da ditadura. Então, percebemos que o herói nacional precisaria ser reinventado. Por toda a imagem que foi construída acerca do nacionalismo, seria necessário um novo “herói”, que traria justiça por meio da sua narrativa pessoal<sup>110</sup>. A autora Silva diz:

A memória impedida é o principal tema de Ainda estou aqui, não o desaparecimento de Rubens Paiva, pai do autor; não seu sequestro, tortura e assassinato na sede do DOI, no Rio de Janeiro; não o atestado de óbito sem corpo, muito tardio, ou a descoberta; mais tardia ainda, de que esse mesmo corpo que parece nunca ter existido teve, supostamente, os restos atirados às águas. No livro, a vítima primeira parece ser a memória<sup>111</sup>.

Essa percepção que a autora teve foi algo que me levou a refletir sobre esses sentidos de memória, para além dos motivos que foram explicados pelo narrador Paiva. Naquele momento de escrita do livro, com pedidos a volta à ditadura em várias manifestações no Brasil, Paiva traz à tona uma memória recente, já corrompida, ou pouco acessada. Ou seja, apesar de todas as manifestações democráticas e movimentações que foram feitas com a comissão da verdade, o caso, assim como tantos outros do período, não foi encerrado, o que traria lacunas para a história nacional e pessoal<sup>112</sup>.

A conclusão apresentada pela autora Tásia Oliveira Sousa sugere que a metáfora da doença de Alzheimer pode ser relacionada à sociedade, mais especificamente à questão da memória coletiva em relação à ditadura. Essa análise aborda a interconexão entre a perda de memória coletiva<sup>113</sup>. Para além de uma luta por narrativa, há uma luta pela reconstrução da

<sup>108</sup> MARTINS, G. M. C. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. Anais do VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História, Universidade Estadual de Maringá, p. 3889-3901, 2015. LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. In.: NORONHA, J. M. G. (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. LE GOFF, J. História e memória. Campinas: Editora Unicamp, 1990. KALINOSKI, S. F. As cicatrizes da censura: memória, melancolia e fragmentação na ficção brasileira pós-64. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, Brasil, 2011.

<sup>109</sup> PAIVA, Op. Cit., 2015, p. 125.

<sup>110</sup> DURANT, Will. *Heróis da história*. L&PM Pocket, 2013. MICELI, Paulo Celso. O mito do herói nacional. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

<sup>111</sup> SOUZA, Op. Cit., p. 99.

<sup>112</sup> HILÁRIO, J. R. N. A maça triangular e os romances brasileiros nos anos 70: violência e resistência. 117 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004

<sup>113</sup> FERNANDES, A. C. B. O ataque ao corpo durante a ditadura militar brasileira. In: PADRÓS, E.; ALVES, C.; COMIN, D.; BAUER, C.; FERNANDES, A. I Jornada de Estudos sobre Ditaduras e Direitos Humanos. Porto Alegre: APERS, 2011. p. 310- 318

memória, mais uma vez, visto que já havia sido compartilhada em 1985, por meio de *Feliz ano velho*, mas que Paiva viu-se na necessidade de compartilhar novamente. Estamos acostumados a trabalhar com fontes em que as pessoas já não estão mais presentes na vida, onde a história já se esfriou. No entanto, nesse caso a fonte está viva, opinando, apontando constantemente e intervindo no coletivo<sup>114</sup>.

Desse modo, à medida que memórias coletivas se mostram presentes em trazer à tona a memória da ditadura como algo benéfico, Marcelo lança o seu livro com a narrativa dizendo o contrário: estaria falando diretamente para esse público, mesmo se não conseguisse obter êxito em sua narração e intervenção. A contribuição que o trabalho de Tásia Souza representou para a construção desta pesquisa e deste texto reside justamente em pensar que não existe um passado congelado e que, embora o senso comum compreenda que aquele que vence geralmente costuma contar a história, precisamos pensar que: afinal, quem venceu? Não houve vencedores, por se tratar de luta por memória que se estabelece presente até os dias atuais. Dessa forma, o trabalho de Souza se relaciona com o que está sendo feito nesse trabalho, na medida que reflete sobre como essas memórias pessoais, no privado, influenciaram, ou até mesmo intervêm no contexto social e político dessas duas épocas distintas<sup>115</sup>.

Entre aqueles que já estudaram *Ainda estou aqui* temos também o trabalho de Maricelma da Silva e Luís Fernando Prado Telles, intitulado: *Sobre como não ir embora: memória e metanarrativa em ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva*. Trago uma citação que cabe pensarmos sobre como a autobiografia ficcional pode contribuir na compreensão na história:

A presença do autor-implícito se justifica pela maneira como a narrativa é tecida; com aspectos recorrentes da escrita ficcional. Ou seja, apesar de *Ainda estou aqui* se

---

<sup>114</sup> SÃO PAULO. Comissão da verdade do estado de São Paulo “Rubens Paiva”. Infância Roubada, Crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil. Assembleia Legislativa. São Paulo: ALESP, 2014. SANTOS, D. R. Autobiografia e julgamento em feliz ano velho, de Marcelo Rubens Paiva. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. ROSA, J. R. A História como luto: notas sobre Dominick LaCapra e Jörn Rüsen. Anais do II Congresso Internacional de História – UEPG – UNICENTRO, Ponta Grossa, 2015. ROIG, J. A. K. A autobiografia de Erico Veríssimo: a consciência do fazer literário. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2010. RIBEIRO, L. P. A. Autobiografia visual: Para além da busca de sentido. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. QUEVEDO, W. A. Notas sobre narração e experiência em Walter Benjamin. Anuário de literatura, v.13, n 2, Florianópolis, p. 98-117, 2008.

<sup>115</sup> PENIDO, S. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. O que nos faz pensar, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, p. 61-70, 1989. PADRÓS, E.; TELES, E. L. A. Democracia e estado de exceção no Brasil. In: PADRÓS, E.; ALVES, C.; COMIN, D.; BAUER, C.; FERNANDES, A. I Jornada de Estudos sobre Ditaduras e Direitos Humanos. Porto Alegre: APERS, 2011. p. 14-17. OLIVEIRA, L. Ditadura Militar, Tortura e História. A “vitória simbólica” dos vencidos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 7-25.

constituir como livro que apresenta características de memórias, de autobiografia e de escrita da verdade, a forma como o autor/narrador trabalha a narrativa não deixa de ser uma construção, um espaço que comporta a noção de autor-implícito, bem como demais aspectos da chamada narrativa ficcional<sup>116</sup>.

Dessa forma a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva seria uma autobiografia ficcional, visto que o autor, apesar de narrar os fatos vividos através de suas memórias, escolhe o que filtrar, quais episódios ganharam referências nessa narrativa, e esse filtro de personagem em uma narrativa se configura como ficcional: “A alternância de vozes narrativas só é possível pela (re)criação ficcional que permite que a narrativa se desloque para além do cruzamento entre o narrar e o comentar produzindo efeitos significativos para a interpretação dessas memórias”<sup>117</sup>.

Paiva só consegue trazer à tona essa narrativa do seu pai, através da narrativa ficcional, que é o tipo de escrita, onde o mesmo estabelece um diálogo com sua história, onde o mesmo consegue narrar, recontar, estabelecer, ocultar personagens, mudar nomeações, concluo que através desses dois autores e discussão teoria, consegui investigar esses modos de contar a história, que assim como qualquer outra fonte para o historiador, a autobiografia ficcional é possível de análise e de interpretação e incorporação na historiografia para compreender lugares que por muito tempo não foram tratados dentro da historiografia, mas que hoje são possíveis de investigação.

## 2.2 - Explorando a Reconstrução da memória na Narrativa de *Ainda estou aqui*:

Figura 1 - Eunice e Rubens Paiva



Fonte: PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Alfabeta, edição de 2015. Eunice e Rubens Paiva no aeroporto de Brasília, anos 1960 (acervo de família)

O escritor Marcelo Rubens Paiva começa o seu livro, na edição de 2015 publicada

<sup>116</sup> SILVA, Maricelma & TELLES, Luís. Sobre como não ir embora: memória e metanarrativa em *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Raido*. 13. 130-155, 2019.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 146.

pela editora Alfaguara, com a imagem dos seus pais, Eunice e Rubens Paiva. Trata-se de uma imagem preto e branco, em que Eunice sorri para a foto, com sua mão no rosto, e olha fixamente para a câmera. Ao seu lado, está Rubens Paiva, engravatado, com olhar sério. O deputado não olha para a foto, como se houvesse uma preocupação externa em sua expressão<sup>118</sup>. A data da foto, anexada sem descrição ou legenda, é desconhecida pelo leitor, essa informação é narrada somente na contracapa do livro, e intitulada a sua legenda como: “*Eunice e Rubens Paiva no aeroporto de Brasília no ano de 1960*”. Há mais três pessoas nesta foto, um homem um pouco mais longe; aparentemente, uma criança que, assim como esse homem, segura no parapeito; e uma pessoa em primeiro plano, presente apenas numa silhueta, que não permite identificar visualmente se identificar, mas que aparece bem próxima do casal Eunice Paiva e Rubens Paiva.

A imagem é colocada sem uma explicação direta, mas acompanhada na página somente com informações superficiais. O momento da narrativa em que é inserida a foto é exatamente na capa do livro, antes de começar a sua introdução. Assim, acredito que Paiva traz à tona a foto dos seus pais, em uma tentativa de mostrar os rostos da história que estaria sendo narrada, nas páginas que iriam suceder o livro, em uma tentativa de dar rosto a uma memória que estaria sendo posta como reelaborada<sup>119</sup>. O que corrobora a imagem narrativa, construída ao longo do enredo, em que Marcelo trataria da centralidade de Eunice Paiva na luta pela manutenção da memória do seu esposo morto e desaparecido político, após o evento narrado em *Feliz ano velho* e principalmente a centralidade de Eunice nessa memória narrada em *Ainda estou aqui*, para além das suas próprias memórias, que estavam desaparecendo com a doença.<sup>120</sup>

Direcionarei a análise de *Ainda estou aqui*, levando em consideração esse contexto. Assim, me debruçarei em momentos específicos de sua escrita, pois acredito que nos trará um maior entendimento para a escrita e narrativa da história desse período. Marcelo Rubens Paiva faz uma narrativa como narrador-personagem, de modo que o narrador-personagem é um

---

<sup>118</sup> MENESES, UB de, C. F. S. Cardoso, and Ronaldo Vainfas. "História e imagem: iconografia/iconologia e além." *Novos domínios da História* (2012): 243-262.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 8, n. 12, p. 7, 2006.

Litz, Valesca Giordano. "O uso da imagem no ensino de História." *Caderno Pedagógico-Universidade Federal do Paraná, Curitiba* (2009): 1402-6.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>119</sup> Barros, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Editora Vozes, 2019.

Mauad, Ana Maria. "Através da imagem: fotografia e história interfaces." In.: *Tempo, Rio de Janeiro* 1.2 (1996): 73-98.

<sup>120</sup> PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Alfaguara, 2015. Eunice e Rubens Paiva no aeroporto de Brasília, anos 1960 (acervo de família).

personagem que faz parte da história e também atua como narrador, contando a história a partir de sua perspectiva pessoal. Assim como em *Feliz ano velho*, em que expõe para o leitor picos de memórias e usa dessa articulação para explicar a perda de memória da sua mãe, Eunice. Nesse momento, o autor faz uma interligação entre as primeiras memórias, que seriam as memórias de um bebê. Interessante pontuar que, nesse período de escrita do livro, Marcelo tornou-se pai, então sua narrativa para o seu leitor dessa memória se dá exatamente nesse contexto, do início da vida, início de uma memória<sup>121</sup>. Paiva traça uma linha entre as primeiras memórias e as memórias que somem, sejam por mero esquecimento normal, ou por uma doença, que é o caso de sua mãe, Eunice. Logo no seu primeiro parágrafo traz um questionamento de onde seria o *aqui*, expresso no título do livro. Acredito que essa investigação se dá pela perspectiva de uma angústia interna do autor, que questiona o surgimento das memórias, de onde elas viriam e a forma com que seriam armazenadas, ou pelo menos daria esse imaginário de percepção. O autor usa dessa colocação inicial para chegar no fato principal do seu primeiro capítulo: o início da sua responsabilização jurídica e criminal pela sua mãe, Eunice, que estava com Alzheimer em um grau avançado. Assim, o autor explora de que maneira as memórias de Eunice se interligam com a escrita do contexto de produção do livro, 2015:

A memória é uma mágica não desvendada, um truque da vida. Uma memória não se acumula sobre outra, mas ao lado, a memória recente não é resgatada antes da milésima, ela se embaralha [...].

— O que estou fazendo

aqui? ou melhor:

— Onde é aqui?

Como não encontraria a resposta, já que a tempestade cerebral impediria a clareza dos pensamentos [...]<sup>122</sup>.

A escrita de Marcelo vem com uma tentativa da construção dessa memória e dessa história vivenciada pela matriarca da sua família. O título, *Ainda estou aqui*, pode ser analisado outra vez, a partir do que parece uma tentativa de mostrar para o leitor essa

---

<sup>121</sup> BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Florianópolis: Edusc, 2004. BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2000. ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. Catálogo da Exposição “O traço da História”. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), 1984. ARAÚJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). Violência na História: Memória, trauma e reparação. Rio de Janeiro, Editora Ponteio, 2012. ARAÚJO, Maria Paula; MONTENEGRO, Antonio; RODEGHERO, Carla (orgs.). Marcas da Memória: história oral da anistia no Brasil. Recife: Editora da UFPE, 2012. ARAÚJO, Maria Paula. Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

GARCIA, Miliandre. “Ou vocês mudam ou acabam?": teatro e censura na ditadura militar (1964-1985). Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2008. GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987. MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (org.) Democracia e Ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

<sup>122</sup> PAIVA, 2015, Op. Cit., p. 18-19.

necessidade, que se mostra presente de voltar a discutir temas como a memória, e de trazer à tona novamente a história de sua família para o contexto brasileiro daquele período de 2015, ano em que foram realizadas manifestações com pedidos a ditadura<sup>123</sup>.

Paiva, reconta a sua história nesse contexto histórico novamente, digo, pois esse movimento já vinha sendo feito de forma escrita, desde o livro *Feliz ano velho*. Tentarei compreender melhor como essa questão aparece em seu segundo livro, já que nele Paiva traz uma provocação, discorrendo a partir de uma publicação feita por Antônio Callado, no dia 12 de agosto de 1995, em São Paulo, intitulada como “Recordações chegam da casa dos mortos”<sup>124</sup>. O autor faz um diálogo com uma reportagem da época e traz à tona memórias da Eunice referentes a essa publicação, com uma tentativa de colocar o leitor para dentro dessa história, de forma íntima, mostrando o que aconteceu para além daquela reportagem, como as reações da mãe.

Nesse sentido, é possível fazer uma comparação dessa construção narrativa que Marcelo faz da memória, com a memória social nacional brasileira. A escrita de Marcelo parece carregar um apelo por justiça principalmente em uma nota do autor: “O caso Rubens Paiva está longe de terminar”. Em 25 de setembro de 2014, o advogado Rodrigo Roca, que depende dos militares acusados do homicídio [...], protocolou uma reclamação ao Supremo Tribunal Federal, para que seja extinta a ação penal<sup>125</sup>.

Acima de tudo, há uma narrativa que visa preservar essa memória, a qual poderia ser esquecida devido à doença de sua mãe. Podemos perceber em sua escrita essa preocupação, não apenas com o esquecimento pessoal, mas também com o esquecimento nacional em relação à história do país. No fragmento abaixo, podemos notar a preocupação do autor em narrar as datas em suas narrativas. Acredito que, mesmo após tantos documentos apresentados nos livros, Paiva ainda se mostra presente na tentativa de inteirar o leitor com detalhes sobre períodos e datas específicas. Acredito que essa preocupação com as datas e episódios se inicia pois Paiva vê a necessidade de fornecer mais detalhes dessa situação:

---

<sup>123</sup> PINTO, Otávio Luiz Vieira. Os protestos no Brasil, ou sobre como a passagem de ônibus revelou contradições. In.: *The International Journal of Badiou Studies*, 2013.

<sup>124</sup> CALLADO, Antonio. Recordações chegam da casa dos mortos. Folha de São Paulo, Seção Ilustrada, 12 de agosto de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/12/ilustrada/16.html>. Acesso em: 20/09/2023. PIMENTEL, Alessandra. "O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica." *Cadernos de pesquisa* (2001): 179-195. BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Editora Vozes, 2019. PERROTTI, Bruna. Análise de fontes históricas na sala de aula: um exercício ao pensamento crítico. In.: *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 2022. RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. "Análise e tematização da imagem fotográfica." *Ciência da informação* 36 (2007): 67-76.

<sup>125</sup> PAIVA, 2015, Op. Cit., p. 295.

Meu pai pedia remédios e água. [...] Você sabe, mamãe, por que foram levadas ao DOI? Ele não falava nada. Repetia o nome. Foi torturado no dia 20. Nada. Retomaram no dia 21. Com a filha e a mulher encapuzadas, sentadas num banquinho. Será que viu vocês? Como ele reagiria? O que ele faria, para impedir que encostassem em vocês?<sup>126</sup>

Nesse fragmento, podemos notar que Marcelo Paiva tentou entender aquele complexo acontecimento diversas vezes, mas, sem sucesso, questionando a sua mãe e então apontava tais questionamentos ao leitor. Sua investigação histórica não seria solitária porque, junto ao leitor, descobrimos situações que aconteceram, antes, durante e depois desse dia. Para além disso, Marcelo se coloca na situação, tentando imaginar o que os militares pensaram, como o pai reagiu naquele momento, para então reelaborar essas memórias como uma alternativa de lidar com o luto: “Não sei a data exata e que ela descobriu a verdade. foi quando parou de sorrir por muitos anos. foi a gota d’água: não tínhamos mais nada o que fazer no Rio nos mudamos para Santos”<sup>127</sup>.

Somos direcionados a essa explicação e, para além dela, todas as manifestações e todas as mudanças que ocorreram com a família Paiva. Nessa citação, podemos observar o sentido literal da mudança. Marcelo Rubens Paiva passa anos explorando sua própria história, por vários meios: seu mestrado foi defendido a fim de estudar esses temas e, posteriormente, após eventos políticos significativos, ele retoma sua posição, como podemos notar nessa passagem de *Ainda estou aqui*: “[.] eu não tinha percebido, mas evidente: minha pesquisa de mestrado de 1991 a 1995, era uma busca pelo que tinha acontecido com meu pai. [...] eu pesquisava através de outros relatos, outros personagens, sobreviventes”<sup>128</sup>.

Nesse fragmento, podemos notar que toda a história e narrativa de Marcelo é um reflexo do que aconteceu com seu pai, mesmo naquele dia em que pulou em um rio raso e acabou ficando em uma cadeira de rodas. Apesar de querer apresentar ao leitor uma narrativa diferente, Paiva esbarra em memórias o tempo inteiro que se mostravam presentes em 1985, mas que se tornam incômodas novamente em 2015. Acredito que a situação do Brasil e seu contexto histórico trazem à tona essa memória familiar, a qual está interligada com a memória nacional, no sentido de trazer à tona a memória da tortura, dos questionamentos, da censura<sup>129</sup>.

Nesse sentido, a narrativa de Marcelo Rubens Paiva assume a função de uma espécie

---

<sup>126</sup> Ibidem, p. 224.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>129</sup> FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; BULHÕES, Ricardo Magalhães; BURGO, Vanessa Hagemeyer. Literatura e memória como farol para o leitor: uma análise de *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Literatura e Autoritarismo*, 2022.

de "memória viva", digo, como um registro vívido e emocional de um período conturbado que, muitas vezes, é relegado ao esquecimento. A preocupação de Paiva com a história do país e com o que ela representou para sua própria família é evidente em sua escrita: “[...], mas a qualidade do ensino público decaía na proporção em que a ditadura se firmava”<sup>130</sup>.

Ele não apenas descreve os eventos, mas também os contextualiza em um cenário maior de mudanças políticas e sociais no Brasil. Sua narrativa não é apenas uma lembrança de eventos passados, mas também uma análise crítica e reflexiva sobre como esses eventos moldaram a sociedade brasileira. Além disso, a menção ao apoio de figuras proeminentes da política brasileira, como o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, após a morte de Eunice Paiva, destacam a importância do livro como uma obra que transcende a esfera pessoal. Ela se torna um símbolo de reconhecimento e solidariedade em relação à luta pela justiça e pela preservação da memória histórica do país, como podemos observar em depoimento de Luiz Inácio Lula da Silva:

Soube, com muita tristeza, da morte da advogada Eunice Paiva, no mesmo dia em que se completaram os 50 anos do AI-5. O assassinato de seu marido, o deputado Rubens Paiva, mostrou ao mundo a brutalidade dos torturadores. O desaparecimento de seu corpo provou sua covardia. Mas a luta de Eunice para esclarecer os fatos, enquanto teve forças para fazê-lo, foi um exemplo de coragem que nos estimulou nas lutas pela Anistia e pela redemocratização do país. Jamais me esquecerei do discurso do doutor Ulysses na proclamação da Constituição, em 1988: “A sociedade foi Rubens Paiva, não os facínoras que o mataram”. Meus sentimentos aos filhos e aos muitos amigos da família Paiva<sup>131</sup>.

Podemos notar, através desse trecho, a importância da narrativa na construção de um legado de justiça e memória de Eunice Paiva, que se torna, ao longo do enredo, um símbolo da luta pelo reconhecimento dos mortos e desaparecidos da época do regime civil-militar, e mesmo de períodos que antecederam o golpe de 64. Na luta que Marcelo Rubens Paiva introduziu na sociedade antes do falecimento de sua mãe, não é surpreendente encontrar essa abordagem memorialista, comum por parte de sobreviventes e familiares de vítimas do regime, em razão do que são consideradas memórias do trauma, ou memórias do luto.

[...] dentro dos estudos sobre o trauma para Freud, a necessidade de repetição compulsória frente a situações intensas vivenciadas, tanto em guerras quanto em tempos de paz, como uma característica fundamental do trauma, pois esse comportamento seria uma maneira de enfrentar a não assimilação da completude do acontecimento por parte do indivíduo no exato momento em que esta ocorreu<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> PAIVA, 2015, Op. Cit., p. 61.

<sup>131</sup> “Luta de Eunice Paiva foi exemplo de coragem”, diz Lula em carta”, Partido dos Trabalhadores, 14 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://pt.org.br/luta-de-eunice-paiva-foi-exemplo-de-coragem-diz-lula-em-carta/>. Acesso em: 20/09/2023.

<sup>132</sup> SANTOS, Darlan Roberto. Autobiografia e julgamento em Feliz ano velho, de Marcelo Rubens Paiva. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014, p. 61.



Desse modo, o autor traz essa narrativa de que essa repetição, feita em *Feliz ano velho*, seria um reflexo do trauma. Assim, poderíamos fazer um paralelo na medida em que, tanto a repetição em *Feliz ano velho*, quanto em *Ainda estou aqui*, seria um reflexo do trauma que acometeu a família em 20 de janeiro de 1971, episódio que é repetido em *Ainda estou aqui*. Mas acredito que seria muito simplista imaginar e definir sua escrita somente a isso, por isso, discordo da nomenclatura, apesar de entender os sentidos do surgimento da mesma, acredito que a reduzir somente ao trauma seria centralizar a sua escrita a somente um acontecimento, sendo que são narrados inúmeras memórias e acontecimentos, não somente do dia em questão<sup>133</sup>.

Paiva não foge a essa tendência, mas é interessante notar uma diferença em relação ao seu primeiro livro, *Feliz ano velho*. No segundo livro, *Ainda estou aqui*, escrito em 2015, há um maior apoio em jornais, leis e declarações públicas, com uma tentativa de validar sua narrativa ficcional perante outros meios e documentos, conforme podemos analisar no recorte dessa fonte abaixo. Diferentemente de *Feliz ano velho*, o autor se vê nessa narrativa de apostar nesse novo tipo de escrita, mais séria, e dotada de documentação que traria ao leitor um maior entendimento jurídico sobre o caso:

Artigo 3º O cônjuge, o companheiro ou companheira, descendente, ascendente, ou colateral até quarto grau, das pessoas nominadas na lista referida no art. 1º comprovado essa condição, poderão requerer a oficial de registro civil das pessoas naturais de seu domicílio a lavratura do assento de óbito, instruído o pedido com original ou cópia da publicação desta lei, de seus anexos<sup>134</sup>.

Fica evidente uma mudança na narrativa de Marcelo Rubens Paiva entre os dois livros. No primeiro, a história se concentra principalmente em sua própria trajetória, com nuances da história de seu pai. Já em *Ainda estou aqui* toda a narrativa gira em torno da busca de Eunice por justiça e esclarecimentos sobre o processo de reconhecimento dos mortos e desaparecidos. O autor se esforça para apresentar documentos ao leitor como forma de comprovar sua narrativa, trazendo, assim, um aspecto sentimental e documental para essa obra autobiográfica ficcional. Essa mudança na abordagem narrativa pode refletir uma evolução no entendimento de Marcelo sobre sua própria história e a necessidade de evidenciar o contexto mais amplo da luta pelos direitos humanos e justiça no Brasil e de trazer à tona assuntos como a lei da anistia e os seus efeitos práticos. O autor volta às histórias do passado de sua família, centrando-se principalmente na história de sua mãe e compartilhando situações íntimas, que criam uma

---

<sup>133</sup> UTZERI, F.; DIAS, H. 1978. Quem matou Rubens Paiva? Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1978. Jornal do Brasil.

<sup>134</sup> PAIVA, 2015, Op. Cit., p. 39.

sensação de proximidade com o leitor, e se dedica a criar um capítulo em *Ainda estou aqui*, somente para trazer à tona essas memórias:

[...] minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei depois de ter ficado viúva aos quarenta e um anos. Tinha mais o que fazer, confiava no bom senso das escolas e delegava aos cinco filhos a missão de zelarem pela própria educação [...]. Existem muitas minhas mães. ela virou outra depois de viúva [...]<sup>135</sup>.

Mesmo quando Marcelo dedica somente um capítulo a falar de Eunice em *Ainda estou aqui*, esbarra na situação da mesma ter virado viúva. Pode parecer repetitivo, todavia é importante ressaltar essa que é uma característica marcante de Marcelo Rubens Paiva em sua escrita nesse contexto histórico narrativo, ser repetitivo. O texto é provocativo buscando ao mesmo tempo justiça e reconhecimento do período por parte do escritor Paiva. Não um mero reconhecimento do Estado sobre a morte e a tortura do seu pai, mas o reconhecimento do papel da família Paiva nessa narrativa e, por fim, o reconhecimento da impunidade que a lei da anistia trouxe, assim como foi narrado no primeiro capítulo e novamente se mostra presente na segunda obra. No entanto, sempre que o texto se volta para o ponto de vista da “vítima”, inclusive envolvendo sua própria família nessa perspectiva, o autor parece se distanciar da situação, ou apenas surge uma tentativa, dessa forma isso fica evidente no seguinte fragmento:

A família Rubens Paiva não é a vítima da ditadura, é o país que é. O crime foi contra a humanidade, não contra Rubens Paiva. [...] durante toda a minha vida, se um entrevistador me perguntasse sobre o meu pai, eu respondia imaginando como a minha mãe responderia<sup>136</sup>.

Aqui, Marcelo Rubens Paiva parece destacar a perspectiva mais ampla de que os crimes cometidos durante a ditadura foram uma violação contra toda a sociedade brasileira, não apenas contra sua própria família. Essa afirmação sugere um sentimento de responsabilidade compartilhada na preservação da memória e na busca por reconhecimento e preservação da memória ditatorial histórica nacional, traz uma narrativa de que essa Micro-história seria somente um detalhe dessa grande história que é a da política brasileira. No entanto, ele também menciona sua própria luta interna conforme demonstrei no fragmento do livro abaixo, ao responder a perguntas sobre seu pai e como trataria esses sentimentos, o que indica a complexidade de sua própria relação com os eventos históricos<sup>137</sup>.

---

<sup>135</sup> PAIVA, Op. Cit., 2015, p. 73.

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> MAGALHÃES, Justino. O manual escolar como fonte historiográfica. In.: *Manuais escolares da biblioteca pública municipal do Porto* (2008): 11-15.

Eu deveria vingar a morte do meu pai? comprar um revólver e ir, de um em um, atirar na cabeça? com dezessete, dezoito, dezenove anos eu não era maluco o suficiente para partir para a guerra. era da paz. (...) mas lutar pela democratização seria uma vingança mais efetiva, e esperar que a justiça numa nova democracia fizesse a sua parte. o que espero até hoje<sup>138</sup>.

Nesse sentido, ele é enfático em dizer: “Grandes gestos são humildemente casuais. Tenho um agradecimento a fazer aos militares brasileiros: obrigado por não terem matado a minha mãe”<sup>139</sup>. Esse tipo de afirmação feita em *Ainda Estou Aqui* é totalmente irônica. Paiva agradece os militares por não terem matado sua mãe, visto que a levaram, interrogaram, e a coagiram, mas não a mataram, como o seu pai. Então, percebo não somente a ironia, mas o tom de provocação, ao lembrarem do que fizeram com o seu pai, Rubens Paiva.

A afirmação de que a família Rubens Paiva não é a única vítima da ditadura, mas que o país como um todo é, destaca a natureza sistêmica dos abusos cometidos durante esse período. Ao mesmo tempo, sua confissão de que, ao falar sobre seu pai, ele imaginava como sua mãe responderia. já o agradecimento irônico aos militares por não terem matado sua mãe é um exemplo de como Marcelo Rubens Paiva usa a ironia e a sátira para lidar com a brutalidade do regime. Isso pode ser interpretado como uma maneira de expressar sua raiva e indignação de forma indireta, assim como em um *Feliz ano velho*:

Em alguns casos em que o luto foi possível mesmo diante das impossibilidades impostas pela realidade externa, configuradas na ausência de um corpo morto que comprove e objetifique a morte, vemos familiares de desaparecidos políticos que puderam representar as atrocidades cometidas contra sua família. A representação dada foi configurada pelos agrupamentos de denúncia e de resistência, por movimentos aqui considerados de testemunho e/ou sociais. ( USP I www.scielo.br/pusp 6 6 Chiara Ferreira Fustinoni & Angela Caniato considerados rituais substitutos dos ritos/símbolos fúnebres (velório, despedida, sepultamento, túmulo).p5

Dessa forma, podemos notar que a escrita do Marcelo se estabelece até mesmo como forma de reelaboração do luto, visto que não havia um corpo, como discutido no texto. Acredito que houve um conjunto de fatores, uma delas, e talvez a principal: a elaboração do luto através da sua narrativa e memória da sua mãe. No fragmento abaixo, Marcelo se explica na repetição dessas memórias. Para compreender essa repetição, podemos analisar essa necessidade de falar, narrar, repetir o fato para, então, reelaborar.

Sei que repetirei lá na frente o que narrei antes. Este livro sobre memórias nasce assim. Histórias são recuperadas. Umas puxam outras. As histórias vão e voltam com mais detalhes e referências. Faço uma releitura da vida da minha família,

---

Oliveira, Luciano. "De Rubens Paiva a Amarildo. E “Nego Sete”? O regime militar e as violações de direitos humanos no Brasil." *Revista Direito e Práxis* 9 (2018): 203-225. SANTOS, Darlan Roberto. Revisitando Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva: lembrar é preciso. In.: *FronteiraZ*, n. 13, 2014.

<sup>138</sup> PAIVA, Op. Cit., 2015, p. 194.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p 42

reescrevi o que já escrevi<sup>140</sup>.

*Ainda estou aqui* é uma releitura de tudo que foi narrado em *Feliz ano velho*, mas com mais detalhes, como Marcelo conta. Esses trechos ilustram como a escrita de Marcelo Rubens Paiva é uma forma de lidar com o passado traumático de sua família e, ao mesmo tempo, uma maneira de contribuir para o diálogo mais amplo de como as vítimas do período estão lidando com o luto e com todas as movimentações políticas acerca do tema. Sua abordagem literária combina elementos pessoais e políticos, mostrando a complexidade das narrativas que surgem de experiências históricas dolorosas. Marcelo Rubens Paiva adota um tom irônico e provocativo ao reconhecer que sua mãe, Eunice, sobreviveu ao regime militar, apesar dos riscos que ela enfrentou. Essa ironia destaca a agressividade do regime ao agradecer aos militares por não terem matado sua mãe, ele lança uma crítica sutil à repressão do regime, que tiraram a vida do seu pai, e quase tiraram o da sua mãe também, sua ironia aponta responsabilização do estado por esse crime, a responsabilização dos militares. Dessa forma, o autor conta o que aconteceu após esse dia, quais movimentações políticas foram feitas, e também o que ainda está sendo feito na história contemporânea em relação a essa história – quais processos, ainda estavam e ainda estão sendo movimentados, como foi esse processo de reconhecimento de mortos e desaparecidos e dos bens que ficaram congelados até de fato Rubens Paiva ser declarado morto em vez de desaparecido<sup>141</sup>.

Marcelo conta as dificuldades enfrentadas e traz uma nuance que, ainda em caso de um perdão nacional, não há a possibilidade de haver um esquecimento acompanhado desse perdão. Interessante pensar que, no terceiro e último capítulo do livro o autor traz o depoimento que vem intitulado como “Denúncia”. Dessa forma, são colocadas várias situações, entre decretos, leis, discussões que estão colocadas no caso do seu pai ainda e que estariam sendo repercutidas na situação, e movimentações feitas pela comissão nacional da verdade pela sua mãe, mas que, nesse momento, se mostraram presentes em algumas situações. Marcelo Rubens Paiva discute a memória e as formas com que essa memória se

---

<sup>140</sup> PAIVA, 2015, Op. Cit., p. 35.

<sup>141</sup> COSTA, José; BARROS, Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. In.: *Mouseion*, 2012. KARSBURG, Alexandre. "A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias." In.: VENDRAME, Máira Ines et al. *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos (2015): 32-52. BARROS, José D'Assunção. "Fontes históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos." In.: *Albuquerque: revista de história*, 2010. BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Editora Vozes, 2019. SELAU, Mauricio da Silva. "História Oral: Uma metodologia para o trabalho com fontes orais." *Esboços: histórias em contextos globais*, 2004. BARROS, José D'Assunção. "História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço." *Mouseion* 3.5 (2009): 35-67. BURKE, Peter. *A escrita da história*. Unesp, 2001. BURKE, Peter. *História e teoria social*. Unesp, 2002.

mostrou e ainda se mostra presente em 2015, para além do próprio caso do seu pai. Para isso, traz à tona o caso do pedreiro Amarildo, um caso semelhante ao de Rubens Paiva, desaparecido. Em minha percepção, quando Paiva retoma a situação de Amarildo, ele está narrando uma das heranças da ditadura. Sendo essa a função desses documentos que são anexados em seu livro através de denúncias feitas para o ministério público:

O autor aproxima fatos do chamado universo histórico do universo ficcional, os quais apontam para estratégias enunciativas do gênero autobiográfico, p 91 (...). A primeira dessas peças (PAIVA, 2015, p.265-283) é composta pelo texto praticamente na íntegra da denúncia feita pelo Ministério Público ao Judiciário para instauração de processo crime contra os militares que mataram sob tortura o pai do narrador. A segunda (p.285-293) retrata a decisão do juiz, enquanto representante do Judiciário, de receber e acatar a denúncia para que se instaure o processo crime<sup>142</sup>.

Os documentos são colocados de forma integral, assim como é discutido pelo autor. *Ainda estou aqui* se tornou, naquele momento, um complemento de *Feliz ano velho*, ou melhor, uma extensão dele. A narrativa, que antes não continha um aparato mais científico, escancara todas as denúncias feitas ao ministério público e todos os processos que envolveram a morte e o reconhecimento da morte do seu pai. Marcelo usa de fontes consideradas oficiais para validar o seu depoimento.

Há uma discussão que acredito ser importante, sobre a escrita do historiador e o distanciamento com as fontes, e o período de escrita do livro. comparação não é possível somente para o caso de Marcelo Rubens Paiva, mas pela situação que vivemos nesse ano, 2023, e a situação vivida em 2015. Afinal, onde erramos na historiografia? Marcelo se mostra presente em 1985, período em que houve uma abertura política, e democrática, de publicações acadêmicas. Marcelo novamente se mostra presente em sua escrita em 2015, com sua questão pessoal, de perda de memória de sua mãe, mas também da situação vivenciada e acompanhada por todos, com essas movimentações e pedidos de volta à ditadura e depravação pública do patrimônio.

A seguir temos um fragmento do livro *Ainda estou aqui*, em que Marcelo mostra uma carta recebida pelo seu pai, Rubens Paiva:

Vocês sabem que o velho pai não é mais deputado? E sabem por quê? É que no nosso país existe uma porção de gente muito rica que finge que não sabe que existe gente muito pobre, que não pode levar as crianças na escola, que não têm dinheiro para comer direito e às vezes querem trabalhar e não têm emprego. O papai sabia disso tudo e quando foi ser deputado começou a trabalhar para reformar o nosso país e melhorar a vida dessa gente pobre. Aí veio uma porção daqueles muito ricos, que

---

<sup>142</sup> FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro, Ricardo Magalhães Bulhões; BURGO, Vanessa Hagemeyer. Literatura e memória como farol para o leitor: uma análise de *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Literatura e Autoritarismo*, n. 26, 2022, p 92.

tinham medo que os outros pudessem melhorar de vida e começaram a dizer uma porção de mentiras. Disseram que nós queríamos roubar o que eles tinham: é mentira! Disseram que nós somos comunistas e que queremos vender o Brasil: é mentira! Eles disseram tanta mentira que teve gente que acreditou. Eles se juntaram, o nome deles é gorila e fizeram essa confusão toda, prenderam muita gente, tiraram o papai e os amigos dele da câmara e do governo e agora [...]. Mas a maioria é de gente pobre, que não quer saber dos gorilas, e mais tarde vai mandá-los embora, e a gente volta para fazer um Brasil muito bonito e para todo mundo viver bem. Vocês vão ver que o papai tinha razão e vão ficar satisfeitos do que ele fez<sup>143</sup>.

A inclusão da carta de Rubens Paiva no texto tem variações importantes, que contribuem para o impacto e o significado da obra como um todo. A carta humaniza Rubens Paiva, apresentando-o não apenas como uma figura política, mas como um pai preocupado com sua família. Isso o torna mais acessível ao leitor e ajuda a contextualizar sua luta política em um nível pessoal. Ele não é apenas um político abstrato, mas alguém com filhos e preocupações familiares e é essa a imagem passada pelo narrador personagem. Desse modo, há a demonstração do compromisso político: a carta destaca o compromisso de Rubens Paiva com suas crenças políticas e seu desejo de criar um Brasil mais justo. Paiva demonstra isso, no sentido de apontar como foi retribuído com tal ação. Em minha percepção, essa narrativa entra como uma injustiça da política brasileira. Ele explica as razões por trás de suas ações políticas e denuncia as acusações falsas que foram feitas contra ele e outros opositores políticos<sup>144</sup>. Isso ajuda a legitimar suas motivações e a destacar os desafios enfrentados pelos opositores do regime. Na minha interpretação da carta, percebo um contraste entre o público e o privado. Ao incluir a carta no texto, acredito que o autor tenha criado um contraste eficaz entre as esferas públicas e privadas. Embora Rubens Paiva esteja envolvido na luta política pública, também posso notar que ele demonstra preocupação com o bem-estar de seus filhos e em explicar para eles o que estaria acontecendo naquele momento.

Esse contraste ajuda a transmitir a complexidade da vida sob um regime autoritário, em que a vida pessoal e política muitas vezes se entrelaça. Há, ainda, a questão do apelo emocional: a carta evoca uma resposta emocional do leitor, a narrativa de *Ainda estou aqui* é uma narrativa emocional. Portanto, trazer a carta para a narrativa seria agregar um conteúdo perfeito na elaboração da obra, digo perfeito no sentido de se encaixar nesse tipo de narrativa. Ao mencionar seus filhos e suas preocupações com o futuro do Brasil, Marcelo Rubens Paiva

---

<sup>143</sup> PAIVA, 2015, *op. cit.*, p. 101-102.

<sup>144</sup> NUNES, José Horta. "Leitura de arquivo: historicidade e compreensão." *Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD): UFRGS [Internet]* (2005). SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. In.: *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS, vol. 2, n. 3 (jan./jun. 2003), p. 57-72, 2003. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In.: *Revista História da educação*, 2003, pp. 79-95. GAUER, Gustavo; GOMES, William Barbosa. Recordação de eventos pessoais: Memória autobiográfica, consciência e julgamento. In.: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2008, pp. 507-514.

apela à empatia do leitor e à compreensão de que a luta política do seu pai está enraizada em valores humanitários e preocupações legítimas. Isso pode fazer com que o leitor se sinta mais conectado à história e às questões políticas em questão da época narrada. Ao compartilhar as palavras de Rubens Paiva, o autor ajuda a manter viva a história desse período da ditadura militar na história brasileira dando voz a uma narrativa pessoal e lembrança pessoal esse movimento é importante, pois o regime militar procurou reprimir informações e apagar evidências de suas ações. Todavia, por meio dessas memórias e relatos, de cartas recebidos por aqueles que vivenciaram o período, mesmo que jovens, podemos completar esse tipo de fonte, que tende a mexer com o imaginário e o sentimento e sua subjetividade<sup>145</sup>.

Assim, a carta contextualiza sua luta política e evoca uma resposta emocional do leitor. Qual resposta seria essa: a indignação? A incitação à discussão acerca do assunto? Não existe uma resposta exata, tendo em vista que essas nuances coexistiram na construção da narrativa. Marcelo aponta o pai como um homem calmo e tranquilo, evitando qualquer justificativa para a tortura. Dessa forma, o escritor, apesar de se ver na necessidade de provar e montar essa imagem acerca do personagem, talvez por sua proximidade com o tema ou até mesmo sua intencionalidade, mostra ao leitor a imagem afetiva e física de Rubens Paiva. Para além do que foi discutido, a carta contribui para a preservação da memória das vítimas do período e ajuda a destacar a complexidade das vidas afetadas pelo regime militar no Brasil<sup>146</sup>.

Além do que aconteceu com o Brasil naquele ano, foram reveladas situações importantes sobre o caso do Rubens Paiva, conforme é informado nesta pequena apresentação sobre o livro *Ainda estou aqui*<sup>147</sup>. Nela, o autor fala sobre a busca por uma memória. O autor comenta sobre o livro ser uma narrativa que confronta aqueles que pediram a volta à ditadura. Usa o termo absurdo do tempo, e informa sobre essa homenagem para a sua mãe. Podemos notar em várias narrativas, em diferentes meios a propagação do livro *Ainda estou aqui*. No Youtube, achamos críticos literários, influencers, entusiastas, que fazem análises do que foi

---

<sup>145</sup> ROMANI, Carlo. "Uma reflexão sobre biografia e subjetividade na História." In.: *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, 2016.

Siqueira, Sônia A. "A renovação da História: História dos Sentimentos." *Revista de História* 54.108 (1976): 564-578. GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. Vol. 3. Editora Intrínseca, 2014.

<sup>146</sup> AYDOS, Valeria; FIGUEIREDO, César Alessandro S. A construção social das vítimas da ditadura militar e a sua ressignificação política. In.: *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, 2013.

<sup>147</sup> EDITORA OBJETIVA, Marcelo Rubens Paiva apresenta o livro *Ainda estou aqui*, Youtube, 24 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvM8viBxkrw>. Acesso em: 20/09/2023.

escrito de diferentes formas e conceitos<sup>148</sup>.

Em 2014, foi exibido um busto de homenagem do deputado, em que o ex-presidente Jair Bolsonaro teria cuspidido na ocasião em que a família Bolsonaro teria tentado reprimir a família Paiva<sup>149</sup>. O livro *Ainda estou aqui* é discutido em vários parâmetros, quando se diz respeito a memória, tortura e representações de protagonismos, e nomes importantes de resistência ao golpe civil militar<sup>150</sup>.

Ao contar as histórias pessoais de pessoas afetadas pela ditadura, a literatura contribui para humanizar e contextualizar eventos históricos. Autores como Marcelo Rubens Paiva aproveitam a ficção e a narrativa literária para conscientizar as pessoas sobre eventos passados, promover o debate político e social e, potencialmente, influenciar a maneira como as futuras gerações percebem o passado autoritário do Brasil.

Em um dos documentos presentes na narrativa, podemos notar a construção, à época, de uma imagem de um guerrilheiro, que estaria desaparecido, foragido, como veiculado pelos jornais da mídia hegemônica. A escrita de Marcelo Rubens Paiva, tanto em *Ainda estou aqui* quanto em *Feliz ano velho*, para além do que foi dito, vem com uma tentativa de mudar o que foi construído de forma fantasiosa. Por isso, o autor faz questão, nos dois livros, de mencionar características físicas e emocionais de Rubens Paiva. Após a publicação do livro *Ainda estou aqui*, a família Paiva, assim como todos os filhos e a esposa, continuou sendo investigada por agentes públicos em arquivos considerados confidenciais. Qual era o intuito dessas investigações? Por que uma família contrária ao regime veio a ser investigada em todas as suas movimentações políticas, mesmo após a ditadura militar terminar, já no pós-redemocratização?

Em 2017, quando entrei na Universidade Federal de Uberlândia, sempre me interessei pelo tema da ditadura e ainda mais com a escrita de Marcelo Rubens Paiva. Na época, achava que escrever sobre esse assunto seria apenas mais do mesmo. No entanto, com as

---

<sup>148</sup> TAG – Experiências literárias. Resenha: Ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva, 07/01/2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ocWIRlvF5RY>. Acesso em 03/11/2023. MUNDOS possíveis. Ainda estou aqui de Marcelo Rubens Paiva, 29/11/2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AudeOZaLQD0>. Acesso em 03/11/2023. PAIDEIA. Além da história - "Ainda estou aqui", Marcelo Rubens Paiva, 05/07/21. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OSwSspP4flg> acesso em 03/11/2023

<sup>149</sup> MY NEWS, Marcelo Rubens Paiva fala da relação entre Bolsonaro e sua família | Lamarca e militares, Youtube, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn5pJV1pwI>. Acesso em: 20/09/2023.

<sup>150</sup> FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; BULHÕES, Ricardo Magalhães; BURGO, Vanessa Hagemeyer Burgo. Literatura e memória como farol para o leitor: uma análise de *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Literatura e Autoritarismo* 26 (2022). CONTE, Daniel; PAZ, Demétrio Alves; SCARTON, Mithiele da Silva. A elaboração do trauma e a luta contra o esquecimento em *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Fólio-Revista de Letras*, 2022.



movimentações políticas que se seguiram na história do Brasil, vi que essa escrita estaria sempre diante de novos elementos e capaz de refrescar um debate ainda importante. Em 2024, os 60 anos do golpe civil militar marcam a narrativa sobre a ditadura e, nesse sentido, discute-se a criação de um museu da memória das famílias vítimas do regime<sup>151</sup>.

### **2.3 - 40 anos de Feliz ano velho e os 60 anos da ditadura: conflitos na construção da memória**

Em "*40 anos de Feliz Ano Velho*", Marcelo Rubens Paiva realiza uma nova reinterpretação do livro, lançado em 2023, enriquecendo-o com imagens. Da mesma forma que aconteceu com *Feliz ano velho* e com *Ainda estou aqui*, acredito que a situação que o Brasil se encontrou traz sentido a essa nova divulgação de reedição de 40 anos. No entanto, é fundamental contextualizar essa revisitação literária à luz dos desafios que o Brasil enfrenta, especialmente em 2024, quando se celebra o 60º aniversário do período da ditadura militar. Nesse cenário, surgem questões intrigantes sobre como indivíduos que apoiam a ditadura e até mesmo idolatram torturadores podem ganhar destaque na esfera pública e manter-se no poder<sup>152</sup>. Uma das consequências mais problemáticas da ditadura militar é a persistência de uma narrativa que busca negar ou minimizar os eventos e abusos desse período marcado por repressão e autoritarismo na história brasileira<sup>153</sup>. Há uma disputa evidente no Brasil em relação à narrativa e à memória desse regime autoritário. É importante lembrar que a memória não é estática; ela é moldada e reinterpretada ao longo do tempo. Portanto, é fundamental que a sociedade brasileira se envolva em um diálogo aberto e crítico sobre seu passado, a fim de garantir que a democracia seja preservada. Reconhecer e expor a permanência dessa disputa, examinar minuciosamente as suas características, parece-me ser o procedimento que pode contribuir para a elucidação dos dilemas e a superação dos limites que enfrentamos:

---

<sup>151</sup> “Brasil quer criar Museu da Memória em 2024 nos 60 anos do golpe militar”, Observador, Agência Lusa, 11 de setembro de 2023. Disponível em: <https://observador.pt/2023/09/11/brasil-quer-criar-museu-da-memoria-em-2024-nos-60-anos-do-golpe-militar/>. Acesso em: 20/09/2023.

<sup>152</sup> ESTADÃO. Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016, 08/08/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>. Acesso em: 03/11/2023.

<sup>153</sup> DE PAULA, Celia Regina do Nascimento; VIEIRA, Fernando Antonio da Costa. A Comissão da Verdade no Brasil: a luta pela memória em uma democracia fragilizada. In.: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2020, pp.123-146.

Como se sabe, das pelo menos quatro obrigações que o legado de graves e sistemáticas violações de direitos humanos, como o deixado pelo regime militar, gera aos Estados em relação às vítimas e à própria sociedade, apenas uma vem sendo realmente contemplada por aqui: a oferta de reparações. Os demais deveres, que consistem em investigar, processar e punir os violadores de direitos humanos; revelar a verdade para as vítimas, seus familiares e toda a sociedade; e afastar os criminosos de órgãos relacionados ao exercício da lei e de outras posições de autoridade, não foram cumpridos (caso dos julgamentos) ou têm sido realizados de maneira superficial (casos de revelação da verdade, resultado principalmente dos esforços de familiares de mortos e desaparecidos ou das próprias vítimas para reconstituir fatos negados, encobertos ou distorcidos pelo regime militar)<sup>154</sup>.

Mas, ao contrário do esforço em prol da anistia, que começou logo após o golpe de Estado, ainda em 1964 por uns poucos expoentes políticos e intelectuais – e que ao longo dos anos foi ganhando adesão, até mobilizar boa parte da sociedade brasileira –, a luta em torno do direito das vítimas e das obrigações do Estado praticamente não conseguiu sensibilizar mais ninguém além dos diretamente nela envolvidos. Há uma seletividade histórica na sociedade brasileira e na memória que não podemos negar, da mesma forma que a autora menciona essa ambiguidade traz à tona a herança da ditadura que é tratado nos livros de Marcelo Rubens Paiva, a lei da anistia e a impunidade que acompanha a mesma<sup>155</sup>.

---

<sup>154</sup> DAGNINO, Evelina. A construção democrática e participação os dilemas da confluência perversa. In.: *Política e Sociedade – Revista de Sociologia Política*, v. 3, n. 5, Florianópolis, p. 40.

<sup>155</sup> PERLATTO, Fernando. Variações do mesmo tema sem sair do tom: imprensa, Comissão Nacional da Verdade e a Lei da Anistia. In.: *Revista Tempo e Argumento*, 2019, pp. 78-100.

## Conclusão:

Nos livros, *Feliz ano velho* e *Ainda estou aqui*, analisados neste trabalho, é notável a necessidade voluntária de explorar as experiências deles e de suas famílias, revelando o quanto é urgente narrar, tanto entre os que testemunharam os acontecimentos diretamente quanto entre suas descendências. Tanto para lidar com o luto, quanto para apontar a sociedade dilemas de um período autoritário.

As narrativas desses descendentes não enaltecem a militância ou o envolvimento político de seus pais; pelo contrário, elas expõem receios, medos e falhas diante dos eventos impostos pela repressão e suas consequências, formando assim uma análise possível, a história do imaginário daquelas pessoas que presenciaram o regime, ou que tiveram algum familiar envolvido, a micro história e a maneira escolhida para lidar com o luto. Além disso, essas histórias não sugerem que as ações políticas de seus pais devam ser replicadas. Assim, tais relatos indicam as tensões entre o ato de lembrar, reescrever e recontar, e o desafio de lidar com heranças e suas dificuldades de superar.

Elas ganham importância como fonte histórica em minha investigação ao oferecer uma perspectiva única sobre os impactos da repressão estatal nas famílias e complementam os depoimentos registrados em outros formatos, como filmes, entrevistas, textos acadêmicos e artigos, todos a partir do ponto de vista dos descendentes, como nesse caso a autobiografia ficcional, e para além dela, vimos Marcelo ocupando diferentes lugares com esse tipo de depoimento<sup>156</sup>.

Ao compartilharem as marcas deixadas pela repressão política em suas vidas desde o golpe de 1964 até o período de redemocratização, a fonte Marcelo Rubens Paiva desafiou o silêncio e o esquecimento. Embora influenciados pelas iniciativas públicas nacionais de verdade e justiça, essas narrativas oferecem uma visão dissidente em relação a essas

---

<sup>156</sup> TELES, Janaina de Almeida. *Memórias dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 2011. SANTOS, Desidre Dos Reis et al. *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013. Cardina, Miguel. "Violência, Testemunho e sociedade: Incômodos e silêncios em torno da memória da ditadura." *As Guerras de Libertação e os Sonhos Coloniais: Alianças secretas, mapas imaginados* (2013): 29-39. FUSTINONI, Chiara Ferreira; CANIATO, Angela. O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de testemunho. In.: *Psicologia USP*, 2019. DE SOUZA, Rodrigo Basílio. Intolerância e Resistência: Análise de testemunhos dos combatentes à Ditadura Militar. In.: *Perseu: História, Memória e Política*, 2018. BRITO, Antônio Mauricio Freitas. Sobreviventes da ditadura: testemunhos da Comissão Milton Santos de Memória e Verdade UFBA" In.: *Revista Tempo e Argumento*, 2022. RAMÍREZ, Hernán Ramiro. A ditadura fala? reflexões sobre os testemunhos orais através de entrevistas concedidas por Ernesto Geisel e Jorge Oscar de Mello Flôres. In.: *Revista Tempo e Argumento*, 2010, pp. 21-51. NUNES, Sílvia Regina. "Violência sexual em mulheres durante a ditadura civil-militar no Brasil: o testemunho e a negação. In.: *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia*. Campinas: Pontes, 2017.

abordagens institucionais. Eles não se subordinam às medidas do estado de justiça de transição e, em algumas questões, questionam até mesmo as narrativas herdadas de suas famílias, que não é o caso do Marcelo Rubens Paiva, mas que através dele é possível pensar nessa perspectiva.

Assim, esses relatos expressam uma resistência ao esquecimento, apesar das tensões e desafios inesperados que podem surgir. Acredito que *Ainda estou aqui*, e *Feliz ano velho* destacam o papel da autobiografia de ficção como um meio de autenticar o discurso daqueles que vivenciaram a repressão, tornando as memórias acessíveis, de inserção nesse tema junto a sociedade. Portanto, essas obras, embora por vezes busquem homenagear aqueles que sofreram, como mostra principalmente em *Ainda estou aqui*, com a história de Eunice e Rubens Paiva, como podemos notar abaixo, também possuem uma autonomia narrativa, que se afasta de uma abordagem cronológica convencional sobre a vida de seus pais e de si mesmo.

*Ainda estou aqui* e *Feliz ano velho* ilustram como a história de uma família pode influenciar e ser influenciada para se pensar o contexto e a história de todo um país, evidenciando o impacto dos eventos da ditadura não apenas nas vidas individuais, mas também na sociedade como um todo. Elas também destacam a importância contínua da perspectiva filial na busca por respostas e justiça em casos não resolvidos relacionados à repressão política, mesmo décadas após os eventos. Para além disso, é possível analisar e contextualizar com períodos recentes da história, como em 2013, com o caso Amarildo, e 2023, com manifestações antidemocráticas. Ao mesmo tempo, é importante observar as movimentações que trazem à tona escavações de locais que acometeram essa história, em busca de compreender melhor esse período. Este, que é um período recente na memória nacional, e que, através desses dois livros, foi possível pensar diferentes modos de contar a história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. O programa de reparações como eixo estruturante da Justiça de Transição no Brasil. In: REÁTEGUI, Felix (org.). *Justiça de Transição – Manual para América Latina*. Brasília/Nova Iorque: Ministério da Justiça/ICTJ, 2011. p. 473-516.
- ARANTES, M. A. A. C., & FERRAZ F. C. *Ditadura Militar no Brasil: o que a psicanálise tem a dizer*. São Paulo, SP: Escuta, 2016.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987.
- BRASIL, Antônio Cláudio. *A revolução das imagens*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.
- BRASIL, Ubiratan. *Marcelo Rubens Paiva trata do assassinato do pai em seu novo livro “Ainda estou aqui”*. Disponível em: [cultura.estadao.com.br/literatura,marcelorubens-paiva](http://cultura.estadao.com.br/literatura,marcelorubens-paiva). Acesso em: 26/10/2023
- BURKE, Peter. *A história como memória social: o mundo como Teatro*. Lisboa: Difel, 1992
- CARDOSO, Mariluci Vargas. *O testemunho pela perseguição ditatorial na perspectiva filial*. Editora: Universidade LaSalle, 2018.
- CASSORLA, R. M. S. Reflexões sobre a psicanálise e a morte. In.: KOVÁCS, M. J. (Org.), *Morte e desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- COUTINHO, Pedro. O leitor interpelado: movimentos diante do Outro no fotojornalismo. In: VAZ, Paulo Bernardo. (Org.). *Narrativas fotográficas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- D'ARAUJO, M. C., SOARES, G. A. D., CASTRO, C. (Org.) *Visões do golpe: A memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DREIFUSS, R. A. *1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- FIGUEIREDO, A. C. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 35-374.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* (1979). Rio de Janeiro: Editora Estação Brasil, 2016.
- GORENDER, J. Era o golpe de 64 inevitável. In.: TOLEDO, C. N. de. (Org.) *1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. São Paulo: Unicamp, 1997.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In.: Marieta Ferreira & Janaína Amado (orgs.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e de ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARTINS FILHO, J.R. A guerra da memória. A ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. In.: *Varia História*, 2002.

- MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Org.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira. *Ciência da informação: teoria e metodologia de uma área em expansão*. Brasília: Thesaurus, 2003.
- MONTEIRO, Tiago Velasco. Escritas de si contemporâneas: Uma discussão conceitual. In.: *Anais do XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias*, 2015.
- MONTENEGRO, Darlan. 2011. "A esquerda contra a política: organizações guerrilheiras e renúncia à estratégia no período da luta armada". In.: *Revista Estudos Políticos*, 2:64-84.
- MORAES, J. Q. de. O colapso da resistência militar ao golpe de 64. In.: TOLEDO, C. N. de (Org.) *1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. São Paulo: Unicamp, 1997.
- OLIVEIRA, F. de. Dilemas e perspectivas da economia brasileira no pré-64. In: TOLEDO, C. N. de. (Org.) *1964: visões críticas do golpe Democracia e reformas no populismo*. Campinas: Unicamp, 1997.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Marcelo Rubens Paiva apresenta o livro Ainda estou aqui*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvM8viBxkrw>. Acesso em 24/10/2023
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Marcelo Rubens Paiva no Sempre um papo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LL9lkcluoug>. Acesso em: 25/10/2023
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Metrópolis – Entrevista com Marcelo Rubens Paiva*. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/xiddtuwnvlqs/metropolis---entrevista--commarcelo-rubens-paiva-0402993268C8996327?types=A&>. Acesso em: 24/10/2023
- PAIVA, Rubens. Arquivo de Áudio. *Apelo realizado pelo Deputado Federal Rubens Paiva em 1º de abril de 1964, ao vivo, pela Rádio Nacional*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-81SJbUtqII/> &gt;
- PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à luta armada: Memórias romanceadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- PENIDO, S. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. In.: *O que nos faz pensar*, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, p. 61-70, 1989.
- PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In.: BAUER, Martin W.; GASKELL (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- RIBEIRO, D. F. *A Anistia Brasileira: antecedentes, limites e desdobramentos da ditadura civil-militar à democracia*. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária. Um século de cultura e política*. São Paulo: Unesp, 2010.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da Revolução do CPC à Era da TV*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira* São Paulo: Unesp, 2010.
- ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In.: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.
- SANTOS, Darlan Roberto dos. “A ditadura militar em xeque nas autobiografias de Marcelo Rubens Paiva e Fernando Gabeira”. In.: *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen; RS, v. 7, p. 139-149, jul. 2013.
- SÃO PAULO. Comissão da verdade do Estado de São Paulo: “Rubens Paiva”. In.: *Infância Roubada, Crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil*. Assembleia Legislativa. São Paulo: ALESP, 2014.
- SARTI, Ingrid Piera. Representação e a questão democrática contemporânea: o mal-estar dos partidos socialistas. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. In.: *Projeto História*, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005.
- SOARES, G. A. D. Censura durante o regime autoritário. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989.
- TELES, J. A. “Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil”. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 253-298.
- TREVISAN R. D. *As potências da memória: experiência, trauma e contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.
- UTZERI, F.; DIAS, H. 1978. *Quem matou Rubens Paiva?* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1978.
- VIEIRA, B. M. As ciladas do trauma: considerações sobre História e poesia nos anos 70. In.: TELES, E.; SAFATLE, V. (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 151-177.